



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

É proibido proibir?

Proibições, controles, regramentos, estão umbilicalmente ligados a determinado contexto. São inerentes a uma cultura específica, a um tipo de estágio civilizatório, a uma visão de mundo particular, aos preceitos de quem mantem o poder de mando.

É razoável dizer que esses decretos do “não pode”, do “não deve”, do “fica proibido” funcionam como antibióticos de uma sociedade/cultura e agem para manter o status quo vigente “ad infinitum.” Na década de 1960, no tempo do arbítrio, parte da minha geração, por exemplo, defendia que era proibido proibir...

Num Planeta multifacetado como o nosso querer universalizar alguns conceitos sem levar em conta as características, as especificidades da história do lugar geram desavenças, não raros conflitos sangrentos.

Comportamentos que os aiatolás do Irã proíbem, que o ditador comunista da Coreia do Norte impõe, por exemplo, não tem a mesma vigência nos Estados Unidos, no Brasil, em Passo Fundo. Num mundo em movimento e globalizado, refém da tecnologia das comunicações que ignora fronteiras proibições, controles, regramentos se tornam mais elásticos, se esgarçam aos poucos e mudam. Em qualquer novela da TV das 18 horas de hoje tem mais cenas de sexo do que num filme da década de 1950 exibido às 22 horas com proibição para menores de 18 anos.

No ano que passou o Brasil assistiu um bate-boca – oportuno – nesse sentido, algo que, nas redes sociais, cheirou a conflito ideológico entre “esquerda” e “direita”, entre comunista e coxinha a partir de exposição de artes no espaço cultural do Santander em Porto Alegre.

Desse embate digital entre “esquerda” e “direita” destaco dois pontos que, para mim, são cruciais. O primeiro diz respeito à postura liberal revelada pelos comunistas brasileiros. Nenhum governo comunista tolerou homossexuais ou lésbicas, tidos como sendo desvios de conduta típicos do capitalismo depravado. Fidel expulsou de Cuba Reinaldo Arenas, grande intelectual da ilha, por ser homossexual – Guevara fez campos de concentração para reeducar tais cidadãos de conduta capitalista depravada.

A Rússia de Stálin não fez diferente nas proibições (homossexualismo era crime e as perseguições a eles persistem ainda hoje) e chegou à sandice de proibir o violão de sete cordas por ser coisa do capitalismo. Assim, o bate-boca nacional recente mostrou que não tem nada mais liberal que um comunista fazendo oposição a governos das sociedades democráticas. Claro, não tem ditador mais cruel do que comunista no poder!

O segundo pondo do bate-boca digital – oportuno, repito – gerou tanta confusão que se tem a sensação de que palavras e expressões perderam o sentido quando se fala de manifestações artísticas. De um lado e de outro querem nos colocar goela abaixo os “seus conceitos” mesmo não sendo claros e desrespeitando a individualidade de cada um. Hoje em dia, por exemplo, você corre o risco de ser linchado se definir como de “em mau gosto” uma tela, um filme, uma peça teatral. Belo e feio são palavras banidas do dicionário, não cabem mais nas conversas de hoje em dia no campo das artes.

Nesse debate maniqueísta que coxinhas e comunistas fizeram ficaram sem sentido prático palavras como pudor, decoro, devassidão, licenciosidade, vergonha, postura, moral, escárnio, opróbrio, estética. Ou não?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Lágrimas dos ungidos, água contaminada e elefante branco

UM – A palavra messias vem do hebraico meshiha, que significa “o ungido”. Por sua vez ungido tem o significado de escolhido. Ungir, escolher tem sido prática dos latinos, especialmente os de esquerda, os mais adoram utopias. Fica tudo muito fácil: escolhem um nome na multidão, gritam aos quatro ventos que ele é o salvador da Pátria e aí entramos na canção do Roberto Carlos: “Meu carro é vermelho Não uso espelho prá me pentear/Botinha sem meia/E só na areia eu sei trabalhar/ Cabelo na testa, sou o dono da festa/Pertenço aos dez mais/ Se você quiser experimentar/Sei que vai gostar. E vai pro refrão: “ele é o bom, ele é o bom, ele é o bom.” Se vivo, William Shakespeare que escreveu tragédias desde o início de sua carreira ficaria imensamente feliz com a gente latina: Peron, Evita, Fidel, Morales, Chaves, Maduro e, claro, Lula. O final sempre tipo dramalhão mexicano: lágrimas aos borbotões. Não importa que nossos ungidos, quando governando, prendam, corrompam, matem, roubem, traiam eles sempre estarão acima do bem e do mal. O sentido religioso que abarca o “ungido” cega até gente estudada, como se vê na mobilização de quem quer livrar o salvador da Pátria das mãos dos malvados da Polícia Federal, do Ministério Público Federal, de juízes que inventam coisas pra prejudicar o inocente Lula, um messias das arábias... É de chorar!

DOIS – A Secretaria da Saúde do Estado confirma que vem aumentando, a cada ano, a contaminação dos poços artesianos do Rio Grande do Sul. Isso estava escrito nas estrelas. Tem mais de trinta anos que alertas vem sendo feitos por diferentes setores da sociedade. Quem deu atenção? Fizemos do nosso subsolo um queijo suíço, furando e furando sem levar em conta os procedimentos necessários para evitar que nossas águas subterrâneas sejam emporcalhadas. O drama é que se já muito difícil limpar águas superficiais, imaginem que será necessário para erradicar, por exemplo, as bactérias que causam infecções intestinais das águas das profundezas da terra. Tem mais: qual o estágio atual de contaminação do gigantesco Aquífero Guarani? A quem vamos culpar por nossas escolhas?

TRÊS – Está na internet: “O termo “elefante branco” vem da lenda que diz que um rei dava esse bicho dessa cor para os súditos de que não gostava. O elefante branco ocupava muito espaço, não tinha utilidade e custava muito caro sua manutenção, ou seja, não serviam para nada!” Segundo consta o Brasil é o campeão mundial na competição sobre elefantes brancos. Ganhamos longe de todos e o time do Lula deu contribuição valiosa para nos projetar nacionalmente. A Arena Pantanal, de Cuiabá, que custou dois bilhões (com a propina inclusa, claro) e o Papódromo, construído para receber o Papa Joao Paulo II em 1991 (usado apenas uma vez ao custo de 27 milhões) estão entre os emblemáticos nacionalmente falando. Na década de 1970 em Palmeira das Missões, na saída para Cruz Alta, havia uma construção que, segundo consta, deveria ser hospital, que simplesmente sumiu de uma hora para outra, literalmente não ficou pedra sobre pedra. Aqui em Passo Fundo, na saída para Lagoa Vermelha, logo adiante ao acesso ao nosso aeroporto nosso elefante branco, inaugurado com pompas, permanece impoluto em suas ruínas: ali deveria ser a nossa CEASA. Ali perto, mesmo caminho da degradação, estão os pavilhões do que chamamos de EFRICA (cuja escolha do local à época, foi criticada)... Alguém já teme pela Manitowoc!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Herança dos governos FHC, Lula & Dilma!

Quem tem a triste experiência de passar pelo período de arbítrio e constatar que ao poder chegaram quem se postou como alternativa para um Brasil melhor agora chora diante da realidade de 2018. Somos nau a deriva. E quem responsabilizar? Eis o ápice da tragédia: viramos sucato e não há responsáveis! Se ficarmos só nos fatos e números é impossível não reconhecer a incompetência e a falência das esquerdas no poder.

Afinal, foi para isso que aí está que se resistiu ao regime militar?

Com FHC, Lula e Dilma (Sarney, Collor/Itamar, Temer seriam esquerda?) são 22 anos corridos de governos de esquerda e que Brasil resultou disso? Não há setor que, nos últimos 25 anos, não piorou, de forma lenta e gradual, ano após ano. Virou um salve-se quem puder.

A lista das mazelas construída, passo a passo pela trupe de FHC, Lula e Dilma é enorme e não se assiste análises sérias a respeito para pensar um novo amanhã:

1)-Corrupção está entre os principais problema do país atualmente. A esquerda, de cócoras, se aboletou fazendo o jogo do poder econômico. Como galinhas atrás de quirela nossos salvadores da Pátria beijaram as mãos de quem sempre criticaram

2)-E as drogas? O que motivou o caos de hoje e o que foi feito para enfrenta-lo?

3)-Como chegamos a esse grau de desemprego?

4)-Educação básica precária. Como almejar futuro decente se o país não cumpre seu papel mezinheiro de assegurar educação de qualidade a todos os jovens?

5)-A saúde está um caos, as pessoas morrem à espera de atendimento; falta investimento e mais gente trabalhando nessa área.

6)-O Brasil registrou 59.080 homicídios em 2015, foi para 61.600 em 2016 e supera esse numero 2017. Nos números macabros são 30 mil casos de mortes a cada 100 mil e isso é epidemia.

7)-Na lista com 57 países, o Brasil é o oitavo mais perigoso para o transporte de cargas. Em 44 dias, o Brasil registrou o número total de roubos de cargas nos Estados Unidos e Europa juntos em um ano inteiro.

8)-A cada sete minutos há um registro de violência contra a mulher no Brasil.

10)-No Brasil cerca de 50 mil pessoas morrem por ano no trânsito e ao redor de 400 mil ficam com alguma sequela segundo dados da Organização Mundial da Saúde.

11)-Nosso sistema prisional se tornou tão caóticos que não são poucas as cadeias comandadas pelos próprios detentos;

12)-O estado de nossas estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos tira qualquer esperança de um surto de desenvolvimento que nos arranque da estagnação;

13)-Além de ninguém no mundo ganhar quando se trata do quesito corrupção é de se indagar se alguém desperdiça mais do que o Brasil quando se trata de obras inacabada ou elefantes brancos!

14)- O Brasil tem a terceira maior taxa de roubos registrada na América Latina, segundo relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Sem dúvida chegou o momento de um novo recomeço. E sem essa gente que se disse salvadora da Pátria e fez pior do que aqueles que condenavam...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Lula e os fanáticos falam crendo que somos idiotas

Tem um tempão que o ex-presidente Lula e seu grupo de esquerdotas deliram quando tentam se auto inocentarem das tramoias onde se meteram. O grau de sandices beira até a perturbação mental. Nada novo, a esquerda está sem rumo e traumatizada desde que seu socialismo/comunismo consolidou o capitalismo russo e chinês.

Depois da condenação em segunda instância no Tribunal da 4ª Região a fala de Lula supera qualquer bom senso. Essa de citar Nelson Mandela, íntegro e extraordinário líder da África do Sul é dose que nem tiranossauro Rex suporta. Não bastasse tal blasfêmia Lulinha, o cara mais honesto que já nasceu no Brasil, cita Tiradentes.

Mas que tal a megalomania de quem traiu os mortos e torturados pela ditadura?

Lulinha paz-e-amor “et caterva” nos tratam como idiotas. Usam a mídia da elite com fúria, falam como se a população fosse descebrebrada. Com didática do caos falam como se o povo fosse imbecil, estúpido, palerma, babaca, tolo, pateta, bocó, tanso, lerdo, lerdão, burro, tonto, bobo, tantã, imbecilizado, apalermado, estulto, inepto, néscio, obtuso, mentecapto, parvo, pacóvio, pascácio, basbaque, ignaro, ignorante.

Fico imaginando o que ocorre nessas reuniões em que a turma do Lula discute qual sandice jogará para a massa ignara. A criatividade, devemos reconhecer, é sem limite. Claro que, nessa hora, sobra para todo mundo. Para mortos e para os vivos.

Procuradores da República, policiais federais, promotores, juízes, por exemplo, conspiram para sacanear o Lula. Sentados em cadeiras estofadas macias, curtindo salas refrigeradas, sorvendo cafezinho feito na hora e falando palavras difíceis tem a ousadia de contrariar os militantes que vão às ruas defender o chefe.

É hora de procurar especialistas em Freud para entender cientificamente porque corruptos de direita (como Maluf), corruptos de centro (como Cunha) e corruptos de esquerda (como Lula) estão sendo mandados para a cadeia. O que deu errado no Brasil da eterna impunidade que, de uma hora para a outra, a lei vai pegando todos sem se importar com o poder político ou econômico do criminoso?

No clima de insanidade até resgatam a teoria da conspiração: Lindbergh Faria, senador do PT, num momento de lucidez, lembrou que é hora de avaliar o papel dos Estados Unidos no processo de condenação do Lula. Todos sabem que o americano não é flor que se cheire, é bom ficar de olho nele, ainda mais agora com o maluco do Trump no poder. Lindbergh sugere que juízes, policiais federais, procuradores, promotores hoje são manipulados pelos imperialistas só para sacanear o Lula. Pode?

Creio, firmemente, que o “jus espurniandi” é universal. Nas democracias é assim, todos podem espernear a vontade e Lula e sua turma usam e abusam dessa prerrogativa. Agora, têm que ser menos cara de pau, pois não será desse modo que vai se superar esse profundo desencanto que se instalou no Brasil com o pensamento de esquerda que sempre vigorou nas universidades e na imprensa em geral e hoje não diz nada e vai às ruas para defender um corrupto!

Menos mal que enquanto criminosos – independente de ideologia – são levados para o xilindró a população reforça sua crença na Operação Lava-Jato que nos faz vislumbrar um futuro mais decente e nossa democracia dá sinais de fortalecimento pois nesse caos quase absoluto nossas instituições resistem bravamente aos



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Comunistas capitalistas da China & comunistas feudais

Custei sacar como os comunistas chineses são tipo faca na bota. Enquanto comunistas feudais (parto das análises de Marx) seu comandante, o pedófilo Mao Tse Tung, grandíssimo puxa-saco de Joseph Stálin, jogou milhões de chineses na desnutrição ao exportar alimentos para impedir que milhões de russos morressem de fome.

Todos sabem: quando se trata de produzir comida os governos comunistas são de incompetência atroz. Impressionante, mais de cem anos depois os comunas ainda não aprenderam a plantar batata...

Além do mais, os comunistas feudais chineses, para mostrar que com eles não tinha lero-lero, mataram, prenderam, torturam mais do que comunistas feudais russos. A diferença é grande: tipo 75 milhões de chineses liquidados contra 25 milhões de russos mortos. No quesito perseguição a homossexuais e lésbicas houve empate técnico. Os comunistas feudais russos foram mais eficientes na proibição do violão de sete cordas.

Como essa de comunismo feudal não funcionou os chineses viram comunistas capitalistas. Salto histórico fantástico que só a dialética marxista pode explicar. Ou não! Claro, os comunistas feudais russos também se transformaram em comunistas capitalistas depois que notaram que a coisa toda precisava de algo mais do que cadeia, êxodos, censura.

E qual é a realidade de hoje? Qual é?

Normal: os comunistas capitalistas sob o mando de Xi Jinping (muitos já na lista dos maiores bilionários do Planeta) expandem seus tentáculos por todo mundo enquanto os comunistas capitalistas russos patinam (embora Putin seja um bilionário). Feudais ou capitalistas os comunistas sempre adoraram o luxo, as mordomias, viver como paxás!

E, como eu já referi, o comunista capitalista chinês é tão faca na bota que dá pau até nos capitalistas comunistas dos Estados Unidos que mexem nas regras predadoras, sacanas, pérfidas da globalização da economia. Essa coisa de ir contra globalização e neoliberalismo é coisa de capitalista e comunista feudal incompetentes é inaceitável...

Já estou achando que o próximo embate será entre comunistas capitalistas da China e comunistas feudais do Brasil. Os comunistas capitalistas da China investiram aqui, em 2017, quase onze bilhões de dólares o que, com certeza, vai ajudar a consolidar o capitalismo brasileiro, algo que os comunistas feudais nacionais abominam.

Caracas, como que os comunistas capitalistas chineses investem aqui o dobro do que investiram capitalistas exploradores dos Estados Unidos e do Canadá juntos?

É ou não é um mundinho interessante esse nosso?

Alguém num passado recente imaginou que os comunistas seriam os maiores capitalistas do Planeta depois de cometerem as maiores atrocidades para acabar com o capitalismo. E ainda tem historiador querendo ensinar isso em sala de aula que...

Como diria o Conselheiro Acácio: nada como um dia depois do outro. Ou como disse o camarada comunista-capitalista Deng Xiaoping: "Pouco importa se o gato é branco preto, contanto que pegue o rato". Aí a gente lembra Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra inglesa: "Tentar curar a doença britânica (brasileira e sul-americana, acrescento eu) do socialismo era como tentar curar leucemia com sanguessugas"

Na China foi fácil fazer o que Thatcher queria porque Deng Xiaoping foi curto, grosso e na mosca: "só se pode falar alto quando se tem muito dinheiro".



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Carnaval de candidaturas

Uma pergunta ninguém consegue responder com precisão no Brasil das eleições de 2018: quantos e quais são os pré-candidatos a Presidente da República em outubro? Também, com 35 partidos aptos a lançar candidaturas fica um fuzuê que lembra o carnaval que recém terminou.

Um problema que dificulta o País sair da crise é esse festival interminável de siglas. A isso se vincula um troca-troca, um pula-pula, de políticos mudando a sigla que não raro beira festa no meretrício. Tem político que já trocou de partido oito vezes, quer dizer, um cara de firmeza ideológica que lembra palanque em banhado – ou essas birutas de campo de aviação.

Levei bons minutos tentando chegar a um número final de pré-candidatura a presidente do nosso Brasil amado, salve, salve e, claro, isso não foi possível.

A lista provisória tem Lula (PT - o cara está condenado, mas onde a vergonha é escassa fazer o quê?); Jair Bolsonaro (PSC ou PEN?); Geraldo Alckmin, João Dória e Marconi Perillo (PSDB); Luciano Huck (por sua fada madrinha, o FHC); Ciro Gomes (agora no PDT sua oitava sigla partidária); Manuela D'Ávila (PCdoB); Álvaro Dias (Pode-mos), João Almoedo (pelo Partido Novo, sacou?), Plínio de Arruda Sampaio e Sonia Guajajara (PSOL – partido que ainda tem outros três em conversação e um pré-candidato que ainda não se filiou!); Paulo Roberto de Castro (PSC); Henrique Meirelles (PSD); Cristovam Buarque (PPS); Roberto Rey (PRONA); o eterno Eymael (PSDC), Levy Félix (PRTB); Valeria Monteiro (PMN); Rodrigo Maia (DEM).

Se minha matemática está certa até o momento são 23 candidatos a presidente da República Federativa do Brasil, uma das mais castigadas, nos últimos 25 anos, pela esquerda, pelo centro e pela direita.

A vida desses idealistas incorrigíveis, no entanto, não vai ser moleza, o que têm de obstáculos pela frente – até agosto, quando inicia propriamente a campanha eleitoral – não é mingau morno. Para os que aparecem nas pesquisas de intenção de votos a coisa é mais difícil. Pendências com a dona Justiça (que pretende mostrar serviço), disputas partidárias sanguinolentas internas, a malvada da grana (mais escassa nestes tempos de olho vivo no Caixa-2), o tempo curto de propaganda no rádio e na TV (fator que em última instância define o pleito), “alta rejeição ou falta de popularidade e impedimento para participar em debates são alguns dos desafios que os postulantes à Presidência e seus respectivos partidos ainda precisam driblar até agosto” – disse um especialista.

O tempo de propaganda tem sido o altar onde princípios ideológicos, programas de governos, projetos de governar com os mais aptos são imolados sem qualquer tipo de cerimônia. Vejam: 90% do tempo de Rádio e TV é distribuído proporcionalmente ao número de deputados federais de cada legenda e o restante distribuído igualmente: como nenhum partido tem tempo suficiente para encarar uma candidatura sozinho ele se vê obrigado a partir para a coligação e aí a porca começa torcer o rabo...

Levando em conta, ainda, que 25% da população apta a votar está descolada da realidade – nem sabe que Lula foi condenado – e outra parte pula e anda ou odeia política, quem se arrisca a profetizar o que vai sair das urnas em outubro de 2018?

Foi pensando nisso que lembrei frase de Isaac Asimov que pode se aplicar ao contexto: “o aspecto mais relevante da vida de hoje é que a ciência progride em conhecimento mais velozmente do que a sociedade em sabedoria.”



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

O Rio de Janeiro continua lindo, mas o bicho pegou

Até nós, de longe, perplexos, olhamos de soslaio sobre o que acontece no Rio de Janeiro, território, segundo antropólogos, do nascimento do jeitinho brasileiro e seu ícone, o malandro Zé Carioca concebido por Walt Disney. Pois é, e tudo agora sob o mando do Exército no quesito segurança na tentativa de tirar a cidade de uma espécie de guerra civil diante da falência do aparato estatal tido como civilizado.

Para quem como eu, que sem eira nem beira, dormiu nas areias da Praia da Urca após jantar mariscos dos nativos, pois achava a cidade (em 1968) segura, o fato arrepia. Naquela noite estrelada casais e mais casais ali faziam amor: a "Urca é lugar seguro".

A intervenção transparece, para leigos como eu, como necessidade desesperada de se dar um tiro no escuro diante da incompetência de uma geração de governadores que consolidaram o caos de forma coletiva. E fica-se, na torcida, para o bem de cariocas e dos outros Estados, que a coisa dê certo: que tudo não seja tão só algo eleitoreiro.

Como chegamos a isso?

Não estamos preparados para saber e, com cada um de nós se postando como tendo toda a razão do mundo, podemos ficar enxugando gelo indefinidamente!

Não se trata de algo simples. Para aumentar a angústia eis que o Rio é a regra do clima de violência que construímos, de modo insólito, a partir da redemocratização por ideologia estrábica e falta de uma política nacional para o setor.

Ao mesmo tempo o óbvio que permeia as opiniões, levanta algo que pode ser cômico nessa tragédia: se o povaréu da zona sul – Ipanema, Leblon et al – deixar de consumir tanta droga a coisa melhora? Sei, é provocação, mas o papo no bastidor pega, ainda, aquele naco da intelectualidade tupiniquim que acha que toda cafungada é inocente! Mas afinal, quem, mesmo, sustenta o comércio desse gênero de mercadoria?

Nessa hora até surgem ilações esdrúxulas. Se a intervenção falhar (algo terrível) bandidagem que age livre, leve e solta se sentirá no paraíso. Se a intervenção produzir o resultado esperado quem capitalizará politicamente? Bolsonaro? Piedade, painho!

Para dar aura científica ao texto entramos no campo que envolve antropologia, sociologia e filosofia. Pode? Mesmo insinuando provocação, não abdicamos de trazer opinião (no contexto das causas remotas da intervenção) dos pesquisadores Francesca Gino, da Harvard University e Dan Ariely da Duke University (dos Estados Unidos, sei, é provocação em excesso, mas o que fazer numa excepcionalidade?) que mergulharam para pesquisar no universo do Zé Carioca e do famoso jeitinho brasileiro.

Só transcrevo "a partir dos dados da pesquisa o conceito de jeitinho brasileiro pode ser compreendido de maneira mais clara e abrangente como uma estratégia geral de resolução de problemas, gerados a partir de hierarquias e instituições ineficientes, que envolve criatividade, a corrupção ou quebra de normas sociais, comumente visando benefício pessoal". Que que acharam? Coisa de imperialistas americanos? Cruzes!

Sigo: "os dados da pesquisa apoiam a tese de que o jeitinho é construto cultural particular e complexo que se diferencia em aspectos cruciais de outros construtos, como o guanxi (chinês, esclareço eu), por exemplo. Ao mesmo tempo que o jeitinho tem um caráter altamente adaptativo, pois se refere à flexibilidade cognitiva dos indivíduos na resolução de problemas, ele também mostra o lado escuro da nossa criatividade para obter recursos de maneira ilícita – que o digam as cuecas dos políticos envolvidos no mensalão (lava-jato, acrescento) e..."

Encerro com a premissa básica: o governo não precisa ser perverso com o indivíduo para manter a sociedade segura. Mas a população achar que leis frouxas, legislativo inepto, executivo fraco, judiciário claudicante, que polícia mal preparada e mal aparelhada e, ainda, crer que disciplina é sinônimo de ditadura não tem noção do que a natureza humana é capaz quando sem freios!

Sim, o Rio de Janeiro continua lindo, mas o bicho pegou.

(P.S. – Transcrevo o recado: "Na semana passada você deixou de mencionar que o Beto Albuquerque também é pré-candidato a presidente da República pelo PSB").



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Venezuela: prosseguem os tempos bicudos da utopia

Ensinaaram-me, e está em alguns dicionários, que esperança é um sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja. E possuir confiança em coisa boa; ter fé em algo. Aliás a fé move montanha, não move? Creio que foi a partir da esperança que formatamos o conceito de utopia, ou seja, lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos.

Até que ponto isso é positivo na mente da pessoa, especialmente de um jovem? Responder corretamente a tal indagação não se trata apenas de uma questão de sanidade mental. Acima de tudo é impedir que a nova geração adquira gato por lebre – como ocorreu agora na Venezuela – ou que assuma teorias mofadas e comprovadamente ineficientes.

Quando uma utopia, reiteradamente se mostra como quimera, irreal, incongruente, se revela fantasmagórica, quando seus efeitos práticos tangenciam a demência, é hora de buscar e/ou construir outro arcabouço teórico para enfrentar o que entendemos injusto em determinada sociedade.

A partir das malfadas experiências socialista-comunistas os utópicos – cegados pelo fundamentalismo marxista – não cansam de causar, a milhões de seres humanos, um sofrimento muitíssimo maior do que aqueles que imaginam superar. Em nenhum lugar do Planeta se fez algo de produtivo com essa beócia visão de mundo – se alguém descobrir algo que se reporte.

Insistir em propor uma utopia – como essa tragédia venezuelana – acaba por revelar um lado sádico de nossos idealistas. Insistir em aplicar um modelo que nunca deu certo e nunca vai produzir algo produtivo como contraponto a algo que se tem como equivocado é demonstrar que o divã pode ser a próxima parada.

Esse cenário de homens, mulheres, velhos, jovens, crianças venezuelanos – aos milhares – caminhando na imensidão da Amazonas para fugir da fome, da falta de remédios e da opressão fico per perguntando por que a esquerda, os socialistas, os comunistas, que tanto incensaram Chaves e Maduro, não recebem com fraternidade esses refugiados?

Sei, sei, é provocação, mas a faço de causo pensado.

E o faço pensando num tipo de utopia que a geração de hoje precisa assumir em busca de um amanhã melhor. A minha geração – levada inclusive pela Igreja Católica – entrou de gaiata nesse processo que mofou faz tempo.

Lembrar que Chaves e Maduro fortaleceram seus poderes de tiranetes com a solidariedade teórica, logística e até apoio até financeiro da turma da Grace Hoffmann tem essa conotação de provocar mas pode ser pedagógica no sentido do jovem de agora pensar melhor por onde caminhar em busca do sonhado mundo melhor.

Nestes tempos bicudos da utopia que avermelhou o Século XX de sangue não é tão somente provocação dizer que é covardia o que a esquerda faz agora, abandonando o sofrido povo venezuelano desse modo...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Expodireto e o arado de boi

O ano, se a memória está certa, é 1956 (ou seria 1957?) em Sarandi. O homem que conduzia a junta de bois puxando o arado chamava-se Alduino (ou seria Arlindo?). Um boi, tenho certeza, chamava-se Pintado, o outro, pelo que recordo, era o Barroso. Esse tal de arado foi instrumento utilizado para lavrar os campos, revolvendo a terra com o objetivo de descompactá-la e viabilizar melhor desenvolvimento das raízes das plantas. Às vezes a terra seca dificultava a penetração da lamina para abrir sulcos com o que um garoto sentava onde as hastes de madeira encontra o ferro forçando o rompimento do solo.

Sob um sol abrasador um chapelão de palha quase das dimensões desses dos mexicanos ajudava proteger o homem que comandava Pintado e Barroso. Claro, quase um riacho de suor escorria pelo rosto em tal momento. Adiantava o quê ir reclamar ao bispo? Era preciso comer, para comer tinha que plantar e como as estações do ano estão se lixando para nosso calor, cansaço, preguiça era preciso fazer o que tinha que ser feito.

Só para ilustrar: dizem os historiadores que esse arado de tração animal que me refiro foi inventado e usado pelos sumérios 4.500 anos antes de Cristo, época em que os humanos passaram a dominar a metalurgia. Só para situar: a Suméria (terra dos reis civilizados ou terra nativa) ficava ao sul do atual Kuwait.

Lembrei do arado de boi como poderia lembrar da foice exigindo calos nas mãos e quase aleijando as costas do vivente na hora da colheita, do saraquá (artefato indígena) para plantio mais uniforme do milho, do manguá para malhar (debulhar) o feijão e claro, a enxada (tudo ainda em uso em algumas regiões até do Brasil), ao focar minha mente na Expodireto onde a tecnologia de hoje faria o cara do arado de boi de 1957 acreditar que está em outro planeta.

Essa tecnologia do tal de arado de tração animal andou por esse mundo a fora por quase sete mil anos e, para mim, é um símbolo do salto tecnológico que a humanidade deu ao deixar para as calendas gregas o doloroso, sofrido, cansativo, frágil, inseguro processo de produzir alimentos.

O que aconteceu nos últimos 60 anos no aparato agropecuário é fascinante para quem teve a chance de conviver – mesmo que incidentalmente – com o Pintado e Barroso. Hoje, dentro do conceito de agricultura de precisão, os tais de drones sobrevoam uma propriedade rural para analisar a situação da lavoura, detectar ocorrência de pragas ou doenças e outras coisinhas mais. Enquanto faz tudo isso o produtor já não precisa do chapelão para se proteger do sol abrasador, nem fazer calos nas mãos, nem ir dormir mais cedo com terrível dor nas costas para arrancar alimentos da terra.

A coisa está de um jeito que, como diz um site de uma empresa de máquinas “o cenário futurístico no qual robôs fazem grande parte do trabalho braçal já chegou à produção agrícola”. Mais: “sensores óticos ligados a computadores com inteligência artificial e acesso à internet são capazes de trabalhar praticamente sozinhos”.

Estamos num outro mundo! E a tecnologia está dizendo: não há mais motivo para existir a fome no mundo. Produzir comida não precisa ser, necessariamente, uma atividade desumana. Finalmente, do ponto de vista prático (graças à tecnologia e não às ideologias) só precisamos “garrar tenência” para vivermos o tão sonhado mundo novo.



Ivaldino Tasca
 itasca@uol.com.br

Contraponto

Troca-troca: como saber o que pensa um candidato?

Acho que foi numa aula de direito constitucional que um professor disse algo assim: "Somente quando houver partidos fortes, com objetivos programáticos claros e definidos e em que os seus representantes estejam coerentes com as propostas haverá uma democracia efetiva funcionando".

Por que será que isso transparece como algo distante de nós brasileiros? Quem arrisca responder? Não se trata de algo fácil, pois chovem texto tipo "a crise da representação política tem sido caracterizada como um fenômeno mundial neste Século 21, colocando em dúvida a legitimidade dos partidos políticos".

Mas as dificuldades específicas no que tange a uma democracia que funcione tem incontáveis razões e começamos por citar duas: uma estrutura partidária que, sem querer ofender as prostitutas, beira à prostituição.

Segundo levantamento publicado em 2016 pela Universidade de Gothenburgo, na Suécia, o Brasil tem o maior número de partidos com força política na Câmara Federal em um conjunto de 110 países monitorados.

Ao todo, no País, são 35 registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

E, de quebra, para piorar esse panorama, a turma que os eleitores e as eleitoras bota Câmara Federal para apresentar os brasileiros (o mesmo ocorre em assembleias e câmaras municipais) troca de sigla partidária como quem troca de cuecas ou calcinhas.

Desde o início do atual mandato, em 2015, um quarto dos deputados federais já trocou de partido. É o que aponta um levantamento do G1, elaborado a partir de dados da Câmara. No total, 135 dos 513 parlamentares mudaram de sigla 189 vezes.

Conforme o cientista político Horácio Frota, da Universidade Estadual do Ceará "a situação de mudanças constantes de legendas decorre do sistema político brasileiro, cuja característica é a fragilidade dos partidos que, historicamente, foram criados para unir correntes ideológicas. Isso faz com que a escolha por determinado candidato seja muito mais pessoal, do que partidária. É mais compromisso do eleitor com o candidato do que com o partido. Infelizmente, a nossa política vem se constituindo dessa forma."

Na real, ali no taco, na prática essa falta de coerência significa "comprar gato por lebre". Não vejo como danoso alguém trocar eventualmente de sigla partidária. A vida é dinâmica, a luta política é complexa, as mudanças hoje em dia ocorrem de modo muito rápido, com o que é compreensível quando alguém que tem história troca de partido. A questão é a dança pula-pula das siglas, com o cidadão trocando, trocando, trocando, como se fosse ser superior cuja vontade não pode ser contrariada.

Nesse sentido pego o emblemático Ciro Gomes, candidato do PDT a presidente. Ele inicia na política pelo Partido Democrático Social (PDS), sucessor da Aliança Renovadora Nacional (Arena), fiadora do regime militar. Em 1982, foi eleito deputado estadual e logo vai para Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Em 1988 já no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), se elege prefeito de Fortaleza e governador do Ceará. Por discordar da aproximação da legenda ao Partido da Frente Liberal (PFL) deixa o PSDB e se filia ao recém-criado Partido Popular Socialista (PPS), sucessor do Partido Comunista do Brasil. Sete anos depois, por discordar da legenda ingressa no Partido Socialista Brasileiro (PSB) de onde sai em 2013 em razão da candidatura de Eduardo Campos à Presidência da República e ajuda fundar o Partido Republicano da Ordem Social (PROS). Em setembro de 2015, Ciro Gome decide deixar o Pros e se filia ao Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Ganha um caramelo quem definir ideologicamente o cara que pode ser o novo presidente do País...



Contraponto

Sérgio Cabral seria o maior corrupto da nossa história?

Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho, ex-governador do Rio de Janeiro pelo PMDB, pode ser considerado o maior corrupto da história? Em matéria de rapinagem é fera e se credencia ao título. Até pode ter outros, mas dificilmente deixará o topo.

O que leva um cara (foi cogitado como candidato a presidente) a se prostituir a esse nível? Ganância? Certeza de impunidade? Ou as duas coisas.

Filho do jornalista e político Sérgio Cabral (também fundador do Pasquim que foi preso na ditadura), recebeu de herança uma aura que poderia leva-lo aos píncaros da glória e, simplesmente, optou por mergulhar no esgoto cloacal?!

Ninguém sabe ao certo todas suas sacanagens, nem a quantia da grana roubada. Em agosto de 2017 apontavam que ele e a mulher Adriana Ancelmo, tinham surrupiado cerca de 386 milhões (a ex-mulher, Susana Cabral, fica com a mixaria de um milhão e ninguém sabe quanto os filhos levaram). No fim do ano novô cálculos reiteravam que o moço é fogo e a quantia saqueada iã 580 milhões. Pelo ímpeto de rapinagem ilimitado entendidos dizem que Cabral já embolsou R\$ 1 bilhão em propina: "procuradores acham que não é possível, ainda, conhecer toda rede criada para roubar os fluminenses"

Denunciado por corrupção passiva, lavagem de grana, evasão de divisas, associação criminosa, fraude em licitação, abuso de poder econômico, formação de cartel Cabral Filho só foi condenado em 5 dos 28 processos contra ele, e sua pena já passa de 100 anos. Cabral recebeu propina de obras de construção civil, saúde, transportes, alimentação e de outros setores do governo de serviços terceirizados. É fantástico, o cara passou dois mandatos só saqueando a grana do povo. Foi tanta propina que doleiros cariocas chegam pedir ajuda a colegas de outros estados para "lavagem" mais eficiente.

A situação de caos do Rio tem tudo a ver com desmandos de Sérgio Cabral (com Antony e Rosinha Garotinho também, pois os três já foram "carne e unha"). Aliás, alguém já disse que uma "maldição parece rondar o Palácio Guanabara": desde que os fluminenses voltaram a eleger governadores, em 1983, nove políticos foram eleitos, sendo que três estão presos e denúncias rondam outros três (dois já morreram).

Essa trajetória do Cabral, o que ocorre em outros estados e os fatos deprimentes de rapinagem de Brasília (onde as cúpulas de todos partidos que estiveram no governo desde Collor chafurdam na lama) exigem que a corrupção se torne crime hediondo.

A corrupção é crime hediondo porque pessoas morrem em hospitais sem leitos médicos, remédios; porque rouba o futuro de gerações que não têm escolas eficientes; porque impede de equipar o setor da segurança pública (o que dá vez a essa bandidagem que nos encurrala); por surrupiar a chance de ter infraestrutura moderna em estradas, portos, aeroportos e ferrovia que estimule nosso desenvolvimento econômico e social.

Se tudo isso não bastasse para em infelicitar o país intelectuais, professores, dirigentes universitários – a grande maioria dita de esquerda – ressuscitaram a máxima de um grande corrupto do Século passado (Adhemar de Barros): "rouba mas faz".



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Quem puxou o gatilho? Quem é o suspeito?

Sem segurança não existem relações civilizadas!

Quando a cultura do "olho por olho, dente por dente, sangue por sangue" foi deixada de lado passamos da barbárie para a civilização.

Nas novas relações estabelecidas pela humanidade em seus infindáveis pactos de convivência a questão da segurança, da integridade física das pessoas ganhou extrema relevância e um enorme aparato foi sendo construído pelos diferentes países.

Como decorrência, numa sociedade civilizada, todo (TODO) e qualquer crime precisa ser esclarecido e seu autor punido conforme está escrito na lei.

Assim, é de fundamental importância descobrir quem puxou o gatilho da arma cuja bala atingiu um veículo da caravana do ex-presidente Lula no Paraná. Como diz o ditado, doa a quem doer é vital chegar ao dedo que puxou o gatilho.

Desde a redemocratização os sucessivos governantes não deram – por ideologia, por despreparo ou por incompetência mesmo – atenção adequada à segurança, hoje um ponto crucial das causas do caos imposto ao Brasil.

O aparato para proporcionar segurança ao cidadão brasileiro é pífio. "Nenhum dos últimos governos preocupou-se com a segurança no país" – escreveu Ruy Castro, na Folha de S.Paulo sobre o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. E ele nem falou que até Juiz da Suprema Corte vive sob ameaça. Mas disse o óbvio que eu já disse aqui: "Sob Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma Rousseff, o crime cresceu à vontade e a taxas superiores às da economia."

Pego carona nesse escrito de Ruy Castro e indago: "segurança é um tema que interessa aos governantes de esquerda?" A história recente comprova que não e por isso não geramos entre nós uma cultura filosófica, antropológica, sociológica em torno da questão da segurança do cidadão.

Retorno ao gatilho: quem é o dono do dedo que o acionou contra um ônibus da caravana de Lula? Vamos às várias hipóteses:

- 1) Um cara que gosta do Bolsonaro e está louco por uma confusão por crer que isso vai impulsionar seu candidato?
- 2) Um cara que odeia o Lula e o PT e está louco por ver o circo pegar fogo?
- 3) Um fazendeiro que não gostou de ser chamado de caloteiro pelo Lula?
- 4) Um cara fascista que quer ver o circo em chamas?
- 5) Um cara nazista que quer ver o circo em chamas?
- 6) Um cara comunista que quer ver o circo em chamas?
- 7) Um franco-atirador que adora desordens e quer acirrar os ânimos?
- 8) Um cara insano que não mede as consequências de seus atos?
- 9) Um cara do MST, tipo assecla desse cara ali de Lagoa Vermelha, o João Pedro Agustini Stedile, que prega a luta de classes no Brasil e acha que chegou a hora de sair do bla-bla-bla-bla.
- 10) Um cara que acredita piamente na senadora Gleici Hoffman e acha que chegou o momento de levar sua palavra de ordem à prática: "pra prender o Lula vai ter que matar gente".
- 11) Um cara do time do Lula que acredita que isso pode gerar um fato novo para livrá-lo das grades?
- 12) É só outro ato corriqueiro do clima absurdo de violência que nos envolve?
- 13) Nenhuma dessas hipóteses e por isso o caso ficará insolúvel?

Não é bom para a sociedade ficar na dúvida sobre o autor dos disparos. As especulações só fazem aumentar esse ódio que beira a insanidade entre nós. O aparato de segurança, por mais precário que possa ser no momento, tem condições de solucionar esse crime.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Lula preso: por qual razão a esquerda foge do futuro?

Nada mais trágico, historicamente falando, do que Lula na cadeia como reles corrupto. Comemorar isso é cuspir para cima embora ele esteja onde já deveria estar a tempo! Com ele atrás das grades constata-se outra vez, com cores patéticas, a vitória do passado! Ele, em si, sempre foi oportunista, mas a ansiedade pelo novo que moveu o País com a redemocratização o transformou em mito: como é fácil crer que alguém é feito de barro diferente!

Vivemos processo doloroso por vinte anos a partir de 1964 e a sonhada virada se deu também em torno de nomes: Ulisses, Tancredo, FHC, Lula, entre outros. Os dois primeiros morreriam antes de chegar ao poder; FHC, o ingênuo que disse não saber da corrupção em seu governo e Lula, líder dos malfeitos que iniciou com o Mensalão, são responsáveis – com assecclas dos demais partidos com que governaram – pelo lamaçal de estrume que emporcalha o presente, nos impõe o passado e empana o futuro.

Agora, contrariando expectativa de quando o arbítrio foi derrotado, um contexto demagógico barato, projeto de botequim de uísque do Paraguai, mistificação ideológica, discurso do pau oco, messianismo cínico, populismo de liquidação, deidades fajutas, marxismo requentado, o passado diz presente! Debochando. Debochando e tornando mais longa e penosa a trilha para que erradiquemos tudo que nos incomoda e que pensávamos ter deixado no passado...

Por qual razão o passado nunca fica no passado onde, dialeticamente, deveria ser seu lugar adequado? Deveria ser assim, foi desse modo que mostraram o que deveria ser a realidade quando a professora ensinou a conjugar verbos.

Por que o passado tem sido, entre nós, o fator mais presente no presente? Os dramas do passado estão tão vivos que teimam em dizer não a esse futuro renitente em não se apresentar para fazer a sua parte.

Caracas, como a esquerda que tanto vociferou contra a corrupção se torna douda nessa área e defende com veemência seus corruptos? Por qual motivo os que se diziam éticos se aliam ao que havia de pior na direita nacional e defendem o indefensável? Só o instinto tribal que escraviza mentes desavisadas pode responder. Mas é fenômeno universal: como no Brasil também na Rússia, China, Cuba, Venezuela e alhures os mitos não passam de coveiros biltres de seus projetos.

Enquanto o avião levava Lula ao cárcere os botões indagam: "por que também no Brasil a esquerda deletou do futuro?" Ato continuo outra indagação: "por que Lula e sua turma tornou sem sentido toda a resistência à ditadura militar – com suas prisões, torturas e mortes?". Ainda outro dia, ao constatar que o ativista dos direitos humanos achou palavras bonitas, conceitos elegantes, argumentos luxuosos para defender corruptos eu me perguntei: "por qual razão o assassinato do jornalista Vladimir Herzog não inspirou os letrados na busca de um novo Brasil?" Por que o assassinato do Edson Luís foi em vão?

Quando vejo dirigentes dos direitos humanos, professores de história e de literatura engajados na defesa desse esquema podre me indago porque o sofrimento de muitos jovens – inclusive de Passo Fundo – que foram torturados, presos, mortos e até obrigados a abandonar o país, não serviu de inspiração para essas mentes brilhantes ajudarem na construção de um novo Brasil.

Mas por que diabos, os que se dizem "os bons" sempre deixam o local de suas lutas pior do que quando iniciaram? Quando o exercício do poder deixará de corromper seus arautos?

Quem responde tudo isso?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Nossa tolices: Lula é mais importante do que o Brasil?

Nossa estupidez tem limite? Ou melhor, a estupidez da "esquerda" é ilimitada?

Quando recorro do período da ditadura indago: por que o discurso em favor do povo brasileiro tomou chá de sumiço? O que aconteceu com os salvadores da Pátria que teriam vencido toda a podridão do arbitro?

A "esquerda" 007 que no Brasil se outorgou licença para matar e decreta licença para roubar (em que outro país "esquerda" rouba mais do que direita?) faz luta patética para tirar Lula da cadeia enquanto o povo paga o preço de sua incompetência.

Que estranho fanatismo de seita é esse que leva partidos, deputados, professores, comunicadores, filósofos, historiadores, intelectuais a agirem com histeria em torno de um condenado pela Justiça?

Eis uma realidade trágica que pode ser ilustrada com alguns poucos dados:

UM – O Conselho Federal de Medicina diz que entre 2011 e 2016 o Brasil elimina 23.565 leitos de pacientes do SUS e a "esquerda" que governou chora por Lula;

DOIS – Entre 2012 e 2017 o desemprego subiu de 6 milhões e 700 mil para 13 milhões e 700 mil e a "esquerda" que governou chora por Lula na cadeia;

TRÊS – O MEC diz que 38% dos acadêmicos são analfabetos funcionais, 78,5% dos alunos finalistas do ensino médio público não sabem ler e na matemática, 95% não dominam o básico para sua idade, e a "esquerda" que governou chora Lula preso;

QUATRO – Entre 2007 e 2016 foram assassinadas 550 mil pessoas segundo o DATASU e a esquerda que governou verte lágrimas por Lula estar preso;

CINCO – A FIRJAN diz que entre 2011 e 2016 um caminhão de carga foi roubando a cada 23 minutos e a "esquerda" berra, histericamente, a prisão de Lula;

SEIS – Conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública 12 mulheres são assassinadas e 135 são estupradas por dia e a turminha de "esquerda" que governou faz todo tipo de ameaça aos brasileiros se Lula, condenado pela Justiça, não for solto;

SETE – Diz o Anuário Brasileiro de Segurança que 1.770 policiais foram assassinados nos últimos 5 anos e a "esquerda" que governou está preocupada com um corrupto preso após condenação em segunda instância;

OITO – Diz o Instituto Avante Brasil que 47 mil brasileiros morreram em 2017 no trânsito e a "esquerda" que governou chora o Lula preso por corrupção;

NOVE – Entre 2011 e 2015 ocorreram 279.939 assassinatos no Brasil enquanto, no mesmo período, a guerra na Síria fez 256.124 vítimas e a "esquerda" que governou...

DEZ – Com tabela que cobre entre 40% a 60% dos custos, mais de 200 hospitais fecharam desde 2009, reduzindo em 4.770 a oferta de leitos e o choro é por Lula;

ONZE – Enquanto silêncio de cemitério esconde a queima de bilhões de dólares em perdão de dívidas a "ditador amigo", empréstimos secretos a país "irmão", em obras inacabadas, na roubalheira do Mensalão e da Lava-Jato que enriqueceu "companheiros" e inviabilizou o Brasil, os camaradas da "esquerda" que governaram choram a prisão do grande chefe...

TREZE – Opa, esse não é número do azar? Em todo caso, tem alguém que consiga dar explicação razoável a tudo isso?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Guarda Nacional de Maduro achaca prostitutas venezuelanas

A situação de penúria da Venezuela – apesar de possuir uma das maiores bacias petrolíferas do Planeta – é vista como praga de maldinha por quem crê em fantasmas. Como um país tão rico pode estar numa lerda tão grande? Não poucos são taxativos: claro que só pode ser coisa dos espíritos do mal!

Na década de 1950, graças aos combustíveis fósseis, os venezuelanos chegaram a ter o quarto maior PIB per capita do mundo, atrás dos Estados Unidos, Suíça e Nova Zelândia. A Venezuela esnobava! Em 1995 o país só tinha o maior PIB per capita da América Latina, mas perto da metade da população vivia em níveis de pobreza. Aí a coisa degingolou até porque o País importava uísque escocês – gente fina é outra coisa – com dinheiro público.

Nesse contexto vieram os salvadores da Pátria. Com uma plataforma populista autodenominada de socialista (bolivariana) Hugo Chavez primeiro, e, depois Nicolas Maduro, foram estatizando tudo, controlando tudo, esmagando empresas comerciais e industriais, foram construindo a ditadura e em menos de 20 anos quebram o País. Hoje 87% dos venezuelanos estão na miséria!

- Por que essa bobagem de reclamar da falta de papel higiênico se ninguém está comendo, teria esbravejado Maduro a um grupo de opositores!

Claro, como sempre ocorre em governos de salvadores da Pátria, os familiares dos dois megalomaniacos e de seus asseclas estão milionários, enquanto mais de quatro milhões de pessoas já fugiram do país empurradas pela fome e falta de remédios.

Isso é fuga insana: significa que mais de dez por cento da população fugiu do paraíso bolivariano – podia ser diferente num país em que o presidente Maduro diz que seu antecessor, Chavez, apareceu na forma de um pequeno passarinho para abençoá-lo?

(Faço um parêntese: quando Lula diz “EU NÃO SOU UM SER HUMANO, EU SOU UMA IDEIA” ele quer expressar o quê, mesmo? Se disser que declarações desse tipo – do Maduro e do Lula – cheiram a insanidade, serei taxado de provocador?).

Nessa tragédia destaco o fato de mulheres venezuelanas fugiram de Maduro e se prostituírem no Brasil para enviar comida aos familiares sob o tácio do socialismo de araque – são conhecidas como “ochenta” por cobrarem 80 reais por sessão sexual.

Vamos à ignomínia: ao saber que as venezuelanas que se tornaram prostitutas enviam alimento a quem ficou, militares da Guarda Nacional Bolivariana (socialista) achacam, assaltam, extorquem, quem passa a fronteira do Brasil com comida comprada por mulheres que se prostituem para salvar pais, irmãos, avós da fome. Pode?

Não é máximo da decadência Maduro garantir comida para sua Guarda Nacional Bolivariana (socialista) com dinheiro da prostituição de suas mulheres famintas? O que dirão os defensores de Maduro, agora?

Aliás, ditadura socialista se aproveitar da prostituição é antigo. Uma fonte de renda do cubano (só para comer) sob ditadura dos irmãos Castro, é justo a putaria. Para qualquer turista macho em qualquer recanto da ilha é feita uma pergunta: “quieres una chica senñor?” Cuba tem no turismo sexual grande fonte de renda, assim como é fonte de renda os dólares que “gusanos” de Miami manda a familiares prisioneiros na Ilha.

No contexto, uma ironia: quem apoia Maduro, aqui no Brasil, está incentivando a prostituição na Venezuela! Caracas, que dialética esquisita essa...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A CIA, Geisel e nossa ditadura de estimação

A demoníaca CIA – credo, como os americanos sabem sobre a gente! – diz que o general Ernesto Beckmann Geisel, gaudério de Bento Gonçalves que presidiu o País de 1974 a 1979, não apenas sabia como autorizou eliminar aqueles que eram chamados de subversivos durante o regime militar.

Neste Brasil esquisitão, onde é comum encontrar pessoas que idolatram sua ditadura de estimação e, logicamente, seu ditador preferido, essa revelação, por várias razões, chega numa boa hora. Afinal, podemos nos convencer, finalmente que ditadura é ditadura e ponto final.

Primeiro porque é incrível a quantidade de brasileiros que defendem sem pudor, a volta de um regime de força, o retorno dos militares ao poder. Sim, o Brasil virou essa bagunça nas mãos de incompetentes que nos governam desde a redemocratização em 1985, mas acreditar que uma ditadura é a saída significa não ter aprendido lição alguma. Mal comparando, parecemos crianças crendo em bicho papão.

Nesse sentido torcemos para que essa informação a CIA produza desconforto generalizado e gere debate frutífero que nos convença de vez que a democracia é uma das maiores conquistas da humanidade.

Não será tarefa fácil chegar a esse ponto, pois, de maneira impressionante, ainda cultuamos com indisfarçável fervor, um ditador: Getúlio Vargas, outro gaudério, este de São Borja. Pode? Por baixo, ainda é tido como o pai dos pobres! Quer dizer, eis um ditador de estimação de milhares de brasileiros. Tem quem crê ser impossível encontrar cidade do País que não tenha rua, avenida, escola, associação com o nome de Getúlio Vargas. Já Avenida Castelo Branco, não pode!

Não será fácil, ainda, chegar ao ponto de defendermos com unhas e dentes a democracia porque os mesmos brasileiros ilustres que condenam a ditadura de 1964 defendem com fervor ditaduras alhures. Não está no gibi o número que não esconde ser fã de carteirinha de tiranos como Fidel, Guevara, Mao, Stálin, Kim Jong Um e até desse cavernoso do Maduro. Em escaninhos ainda tem quem cultue Hitler e Mussolini!

Mais, como morto-vivo travestido de messias outro gaudério, este ali da Lagoa Vermelha, perambula pela montado em vassoura de bruxas estimulando a luta de classe em busca da implantação da ditadura do proletariado; até com incentivo da “vox Dei” que, aleluia, emana de templos religiosos que não saíram do medievo...

A tarefa de transformar a democracia unanimidade entre nós é difícil, também, porque infantilizamos nossos debates rotulando simploriamente nossas opções entre esquerda ou direita! Óbvio que não chegaremos a nada duradouro enquanto essa esquizofrenia que permeia os debates persistir. E, outra tragédia, estamos impedindo que os jovens que estarão no poder amanhã possam cultivar, agora, algum tipo de utopia que não seja bolorenta: somos criminosos por continuar passando ao jovem do terceiro milênio a mesma utopia que nos passaram nos anos de 1950/1960. E escondendo que o caos instaurado no Brasil advém disso.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sobre o centenário Hospital São Vicente de Paulo

O Hospital São Vicente de Paulo surgiu em 1918. Modesta construção de 240 m² na esquina da área onde está o EENAV, abrigou três camas. Por obra de vicentinos – movimento católico – e liderança do Padre Rafael Iop veio atacar a gripe espanhola (pandemia que fez mais de 50 milhões de vítimas no mundo) e por muito tempo manteve-se através “de generosas esmolas”.

Essa instituição comunitária católica sem dono é majestosa obra coletiva. Sem força de expressão se tornou o que é hoje pela ação denodada de milhares de pessoas. Sim, sim, anote isso, são milhares de pessoas. Uma imensidão de pessoas anônimas, incontáveis sem receber um centavo pelo trabalho, deram valiosa contribuição para viabilizar e consolidar o hospital.

Entre os conhecidos que trabalharam sem nada receber estão os empresários que o presidiram: Luiz Morsch, Felice Santa, Gentil Rebechi, Plínio Grazziotin, Dionísio Tedesco. Eles implantaram gestão empresarial vital para chegar ao atual patamar. Mais, o Hospital São Vicente de Paulo dificilmente chegaria onde está, sem o trabalho tipo 24 horas por dia das religiosas das congregações das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora e das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrianas.

Sua trajetória centenária está no rol das epopeias.

Citarei algumas coisinhas sobre tal caminhada. Quando muitos deram as costas para a nascente Faculdade de Medicina da UPF o São Vicente, por ousadia do então bispo Dom Cláudio Colling, aceita o desafio e vira hospital escola. Síntese disso? Sem a Medicina a UPF não seria o que é; sem a UPF Passo Fundo não chegaria aonde chegou como polo regional, e sem tudo isso o município não seria o terceiro polo de saúde do Sul do Brasil. Quer dizer: somos o que somos pelos tropeiros, o trem, a UPF e o HSVP!

Cito dado de extrema delicadeza: os três leitos de 1918 são 695 em 2018 e, para ilustrar, desde 2015, enquanto mais de 800 leitos foram fechados para usuários do SUS no Estado para que os hospitais equilibrassem suas contas o HSVP, no período, abriu mais 15 para tais pacientes. Anotem: 1) os 240 m² de ontem são agora mais de 64 mil m² de área construída; 2) são mais de 700 médicos ali atuando; 3) são cerca de 3.700 funcionários (dentro de Passo Fundo o HSVP é o maior empregador). Para não cansar com números cito mais dois: em 2017 foram mais de 40 mil internações e 2.149.048 exames realizados no Centro de Diagnóstico – em suas dependências diariamente circulam cerca de 8 mil pessoas.

Não faz muito comparei números do Hospital de Clínicas Porto Alegre, top de linha no RS, com o HSVP. Vamos repetir: o Clínicas tem 842 leitos, o São Vicente 695; em 2016 o Clínicas internou 34.417 pacientes, o São Vicente internou 33.615. Em 2016 o Clínicas fez 3.725 partos o São Vicente 3.254; o Clínicas funciona às 24 horas do dia com 6.081 funcionários, o São Vicente funciona as 24 horas com 3.700 funcionários. O orçamento do Clínicas em 2016 foi, em números redondos, de 1 bilhão e 233 milhões de reais e a grana orçada pelo São Vicente nesse mesmo ano foi de 360 milhões.

Quer dizer, fazer mais com menos não é para qualquer um!

Não tem mágica nisso. O São Vicente, patrimônio dos gaúchos e referência em alta complexidade no sul do Brasil, modelo em gestão que busca máxima segurança do paciente, eficiente em gestão ambiental, exemplo em novos padrões de enfermagem é a resultante de extremo trabalho, esforço, dedicação, competência, ousadia;

Isto posto é vital assinalar: qualquer ação ou pessoa que possa empanar o HSVP deve ser extirpada com rapidez e precisão cirúrgica. Um que outro que tenha exorbitado e possa prejudicar a instituição deve ser eliminado. Temos certeza que a Polícia Federal, hoje agindo com presteza em todo País, tem consciência disso e agirá nesse sentido com a máxima eficiência e rapidez!



Brasil assaz caótico e supinamente ambíguo

Caracas, que dias passamos com a paralisação dos caminhoneiros! "Está tudo bem como o capeta gosta", disse o cara do alto da sabedoria adquirida na dura experiência da vida que passou dos oitenta!

Nunca ouvi tanto a palavra "caos". Caos?

Afinal, o que é esse tal de caos? Nas tradições mitológicas o caos é "o vazio primordial de caráter informe, ilimitado e indefinido, que precedeu e propiciou o nascimento de todos os seres e realidades do universo". Trocando em miúdos quer dizer que somos todos grandíssimos filhos do caos?

Já na tradição platônica, dizem os livros, caos é o estado geral desordenado e indiferenciado de elementos que antecede a intervenção do demiurgo. Quem é esse tal de demiurgo? Segundo o filósofo grego Platão é "o artesão divino ou o princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos".

Que modelo estamos querendo imitar?

Com pouco trabalho, recebendo frete defasado (a recessão tem mais de quatro anos), pedágios caros e o preço do diesel nas alturas (alguém quebrou nossa Petrobrás e a conta do populismo chegou aze-da) os caminhoneiros resolvem parar.

Um segmento profissional faz algo singelo em qualquer democracia e expele o esperma que gesta o caos? E não mais do que de repente tudo degringola: empresários malandros usam gasolina para apagar um fogo que vira fogueira e, parecendo coisa de estudantes radicais, gente e mais gente pede intervenção militar.

A humanidade se esgualando nas batalhas por democracia e brasileiros (não poucos) vão às ruas pedir para se tornarem vassalos, escravos de um Maduro qualquer?

Pode tanta insanidade? O cidadão berra: "oh, garçom, tô com baixa pressa, sem tempo para leguleios, manda rápido uma ditadura ao ponto". Com serviço de primeira o atendente quer saber: "qual sua preferência, de esquerda, de direita ou de centro?"

E nesse momento de interrogação surgiu a frase lucida para este tempo escuro da nossa escritora Nélide Piñón "o caos não gera senão o despotismo".

Uma coisa leva a outra e recordei da frase tida como pesada do Paulo Francis, mas que no contexto chega até com certa leveza: "o Brasil é um asilo de lunáticos onde os pacientes assumiram o controle". Foram dias e tanto esses últimos de maio de 2018; algo como lembrancinha do maio de 1968?

Para tranquilizar transcrevo a Eliane Cantanhede do vetusto jornal Estadão: "A paralisação dos caminhoneiros sacudiu o governo, acionou o Legislativo e o Judiciário e deixou rastro de prejuízos bilionários, mas ensinou duas lições: 1) diferentemente do que ocorre na Venezuela, as crises são pontuais, enfrentadas por instituições sólidas e solucionadas; 2) a insatisfação é generalizada, inclusive nos meios militares, mas não há lideranças dispostas a transformar o CAOS em inferno".

Ufa, melhor assim, mesmo que o Brasil siga assaz caótico e supinamente ambíguo. Agora dá inclusive para citar Descartes que, como incrível pitonisa, sacou estes dias redes sociais tem 500 anos: "Não há nada no mundo que esteja melhor repartido do que a razão: toda a gente está convencida de que a tem de sobra".



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Tempos alvissareiros: uma mulher no comando da UPF

A eleição da professora Bernadete Maria Dalmolin como primeira reitora da Universidade de Passo Fundo enseja incontáveis abordagens desafiadoras e positivas.

O que nestes tempos alvissareiros é algo natural – mulher chegar a um posto de relevo como esse – era tido como impensável não faz muito. O primeiro destaque é que sem sua competência, inegáveis méritos, a bela história como vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários não chegaria ao posto. Então não falarei dessa obviedade.

Um pouco saudosista sinto-me compelido ressaltar esse fato alvissareiro para prestar singela homenagem às mulheres que num passado não tão longínquo fizeram sua parte para tornar possível que a professora Bernadete fosse eleita reitora.

Nunca é demais recordar que, grosso modo, no período de 1950/1960, não só no Brasil, a mulher ainda devia ficar circunscrita ao lar e o homem livre, leve e solto na rua. Era assim, seguindo tradição de 12 mil anos quando da invenção da agricultura. Foi época em que a mulher era vista como se, biologicamente, tivesse sido contemplada só com a perícia de manejar o tanque de lavar roupa e o fogão da cozinha (e criar filhos).

No Planeta as mudanças são rápidas entre 50/60 pelos vigorosos movimentos feministas nos Estados Unidos e Europa e, claro, pela pílula anticoncepcional. Os sinais de que a situação mudaria vinham do início do Século XX (a Primeira Guerra Mundial chacoalha geral as tradições), mas teve tempos diferentes para avançar em cada zona do mundo. Trata-se de processo em andamento, mas que já trouxe mudanças expressivas.

Entre nós brasileiros a pressão/opressão imposta pela costume, pela religião, pela lei, pela educação, pelo lado econômico, que mantinha a mulher como “rainha” refém do lar, nos anos de 1960 (quando nasceu a UPF) subiu pela ditadura. Apesar disso, seguindo tendência nacional, mais mulheres chegavam aos cursos superiores – claro, em áreas do conhecimento mais “apropriadas” às mulheres.

Nesse período aqui o movimento estudantil teve forte presença feminina embora ambiente inóspito para quem ousava mais do que ser rainha do lar. As moças que militaram politicamente deram valiosa contribuição para que este HOJE fosse realidade – inclusive possibilitando a eleição de uma mulher como reitora da UPF.

Infelizmente não me lembrarei de todas as guerreiras que ousaram ir além do tanque e do fogão com coragem, altives, determinação para modernizar Passo Fundo e o Brasil. Entretanto, para homenagear todas (e a professora Bernadete Maria Dalmolin), cito Jalila Pattusi, Solange Longui; Elaine Hartmann, Maria Terezinha Susin, Alda Fortes, Súrria Chedid, Roseli Doleski Preto, Denise Hartmann, Vera Strazulas, Maria Cristina de Oliveira, Suzana Bastian, Edmeia Ruy, Dinair Pires, Orlene Minusculi, Carminha Donadussi e Wrana Panizzi, que foi reitora da URS.

Esse grupo de mulheres de 1960 foi o maior cabo eleitoral – arisco dizer pedindo vênica – da professora Bernadete, a primeira mulher a se eleger reitora da UPF.

P.S: Por oportuno é impossível não registrar a elegância com que a IMED cumprimentou e homenageou o transcurso dos 50 anos da UPF. Gestos desse quilate nos lembram o que é ser civilizado. Tudo de bom!



HSVP, UPF e Aeroporto: importância da cooperação

Quem mourejou no clima de medo 1968 e agora curte chance ímpar de vivenciar com liberdade o 2018 tem a grata e rara chance de sopesar os dois momentos apalpando os resultados dos atos de antanho no cotidiano de hoje. E pode comparar – eis algo vital – os resultados concretos de diferentes visões de mundo.

Os últimos dias deste emblemático ano de 2018 têm sido preñhes de significados para que jovens projetem como vão se inserir nos próximos cinquenta anos. Para mim, ainda, gera emoções e obriga repensar sobre as visões de mundo digladiadas no passado que parecem persistir. Singularmente porque minha geração que obtém o que desejava, ou seja, ascender o poder após derrotar o arbítrio, falha rotundamente, ponto, no meio do caos, de parcela expressiva da população crer que democracia é algo supérfluo.

Claro, a pesada carga de tensão imposta pela ditadura (idem sermões católicos e a arrogância juvenil) tornando o ar quase irrespirável também tem parcela de insensatez pelo estúpido maniqueísmo que nos pautava. Nós éramos os bons, que não estivesse conosco eram maus – e precisavam ser eliminados.

Do alto de nossa sapiência debochávamos quando citavam Adam Smith: “A sociedade civilizada em todas as épocas necessita da cooperação e da assistência de grande numero de pessoas”. Por que o deboche? Nossa mente juvenil colocara Karl Marx como dogma com a benção de Deus: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de casses”. Sacal, mas reclamar para quem se, no dizer de Richard Rorty, “não há nada em nosso íntimo, exceto o que nós mesmos colocamos lá”.

Nesse contexto, a tragédia para o Brasil (idem Venezuela e dezenas de países que continuam na pobreza) está no fato de que negligenciamos na busca da cooperação e optamos pelo confronto. Crê ou morre! Vida ou morte! É exigência da luta de classe que nunca criou nada positivo, não vai criar mas continua como dogma dos incautos!

Agora em 2018 ao falar em cooperação podemos citar a UPF, por exemplo, uma obra maiúscula de nossa história. O que era ideia comunitária se torna obra cujos efeitos positivos para Passo Fundo e região ainda são difíceis de mensurar. E o mais genial: é obra nossa, ou seja, da comunidade apesar de todas as divergências e crises. O que seria desta parte do Rio Grande do Sul sem ela?

Outro exemplo espetacular quando puxamos o quesito cooperação está nesse empreendimento maiúsculo chamado o Hospital São Vicente de Paulo que chega aos cem anos (fruto de outro sermão, este do tipo agregador). O que seria desta parte do Rio Grande do Sul sem o HSVP? O mesmo vale para o Hospital da Cidade, também obra coletiva, também algo resultante do esforço denodado de incontáveis pessoas. E vale para o Instituto Educacional, para o Notre Dame, para o Conceição.

A chave de tudo? Colaboração.

Agora, como que para resgatar a filosofia dos temos antigos, na sexta-feira dia 22 de junho, ato solene realizado na UPF mostrou a força da colaboração. Reunindo políticos de vários partidos, pessoas de diferentes organismos públicos e privados foi assinado o documento que garante as obras do novo aeroporto. E foi tão especial essa histórica celebração da importância da cooperação que até quem mantém a velharia do confronto na cabeça estava ali aplaudindo.

Quer dizer, tudo muito simples. Como diria Rorty “se podemos contar uns com os outros não precisamos depender de mais nada.”



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Na Rússia o Tite não quer saber do mimimi da URSS

Gaudério destemido, caxiense guapo acostumado com o bom vinho correndo nas veias (no inverno é preciso aquecer o pensamento, no verão tem que refrescar a mente), criado na lide duríssima que obrigou os pioneiros fazerem das tripas coração para não perecerem na mata inóspita, seu Adenor Leonardo Bachi – o popular Tite – sabe que a vida é cheia de eternos obstáculos.

Não adianta ficar de mimimi pelo leite derramado quando a porca entorta o rabo e destrói em minutos o que se levou a vida para construir. Quando o projeto foi pífio, a ideia inexecutável, o papo foi furado, a incompetência surgiu, os cálculos deram errado, tem que partir para outra, sem mimimi!

Findo o jogo com a brava Suíça os jogadores dessa potência mundial de futebol chamada Brasil, reclamam da falta não marcada e que gera o gol do adversário. Esse país das vacas e do chocolate é uma espécie de minúscula potência em quase tudo – saúde, cultura, educação, economia etc. – menos com a bola no pé, mas seguiu a gente.

Na sua entrevista protocolar o lúcido Tite foi exemplar: gostaria de falar erros de posicionamento da sua equipe. O bravo gaúcho de quatro costados foi taxativo: “Não posso trazer uma equipe desequilibrada que fica pensando na arbitragem”. Tóooinggg.

A ironia da manifestação desse gaúcho de Caxias do Sul que comanda nosso selecionado (apático na estreia) fica por conta da história recente da humanidade, pois ali onde ele falou (Rússia) foi a grande pátria do nascimento do mimimi (URSS).

Como todos sabem o marxismo ganhou chance épica de fazer o mundo novo com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e seu retumbante fracasso após um mar de sangue é justificado de forma infantil. E virou espécie de mimimi internacional do marxista quando o filósofo esloveno Slavoj Žižek, não faz muito, disse que “todas as melhores análises marxistas são sempre análises de um fracasso.”

Agora, por exemplo, ao contrário do mimimi da esquerda tupiniquim que continua aplaudindo a ditadura de Nicolas Maduro e culpa o imperialismo americano (o país que mais coloca dólares nessa miserável economia) pela tragédia humanitária que esmaga venezuelanos o Tite é de opinião que se pode apelar para mimimi quando nossa seleção não consegue ganhar do futebol suíço.

O homem (Slavoj) que não tem papas na língua disse que “os esquerdistas são propensos a remoer seus fracassos porque isso permite que se criem MITOS sobre o que teria acontecido caso fossem bem sucedidos”. (Se fossem espertos diriam que a esquerda tem sido eficiente e na consolidação de sociedades capitalistas por onde passam – algo que ninguém teria coragem de negar – tirando milhões da miséria).

Impressiona como isso funciona também nas nossas universidades hoje em dia onde sempre é preciso buscar culpados por nossas burradas. Para o marxista a história parou. Enquanto o papo caquético persiste a realidade trágica (infelizmente) comprova à exaustão que todas (vamos repetir: TODAS) as tentativas da alternativa de esquerda construir uma sociedade democrática, plural, economicamente viável, fracassaram. E sempre (vamos repetir: SEMPRE) alguém levou a culpa, nunca fizeram na vida real o que pregavam em suas reuniões teóricas: o exercício da crítica e da autocritica.

Como a meta do gringo ali de Caxias do Sul é trazer a taça do mundial pela sexta vez para os brasileiros ele não pode e nem deve ficar no mimimi que sempre vai esconder as partes frágeis do time e em nada ajudar para superá-las ele enxugou o leite derramado e partiu para outra...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O cara de esquerda tem licença para corromper?

Quando o todo poderoso Ministro José Antônio Dias Toffoli, cara que integra o Supremo Tribunal Federal, nossa mais alta corte de Justiça, proibiu o ex-todo poderoso José Dirceu (do qual já foi subordinado) ex-ministro do Lula de portar tornozeleira eletrônica (joia da tecnologia para beneficiar amigos do rei) como havia determinado o juiz Sérgio Moro ficou patente que vivemos numa República do faz de conta!

Caramba, fiquei matutando com meus botões – aliás, os botões dos brasileiros estão perplexos, sem condições de responder a grande quantidade de estripulias que nossos doutos homens públicos, agora inclusive do emblemático Judiciário, andam fazendo. Mas vejamos, matutei: como José Dirceu réu pela terceira vez na Lava Jato, já condenado duas vezes há mais de 30 anos por crimes de corrupção e lavagem de dinheiro pode cumprir pena em sua mansão e, mais ainda, sem a tornozeleira?

Quando o desembargador Rogério Favreto do Tribunal Regional Federal da 4ª Região se comportou como um militante radical ao mandar soltar Lula, o capo de seu partido sob as ordens de seus correligionários me lembrei do Judiciário cubano e ficou patente que realmente vivemos numa República do faz de conta.

Conclui que os botões não têm respostas simples nos casos em que a Justiça parece debochar da Nação e princípios republicanos remetidos aos prostíbulos. Anote, nestes tempos de ódio, escassa solidariedade, raras amizades (“amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito”) vamos criticar Toffoli e Favreto porque evitaram que os chefes e amigos Zé Dirceu e Lula fossem tratados como pessoas comuns? Cara de esquerda não é um cara qualquer! Ele é guiado pela utopia (enquanto a tal de utopia não chega enche seus bolsos de grana alheia, mas que mal tem?) e não pode ser submetido às mesmas leis que regem os plebeus!

Tem mais, o Zé é cara de esquerda, o Lula está mais para oportunista, mas gosta desse lado, não são reles corruptos como esses de direitas que infestaram o Brasil. São dois corruptos de esquerda, criminosos de esquerda, condenados de esquerda. Cá entre nós, como tratar ex-ministro de esquerda com tornozeleira e deixar ex-presidente amigo da esquerda em cana por fazerem o que a direita sempre fez? Pelos relevantes serviços prestados ao Brasil, e claro, sendo de esquerda, os caras merecem curtir o produto de sua ladroagem em seus lares construídos com suor do povo brasileiro.

Outra coisa que meus botões falaram: será que Cunha, Maluf, Cabral e outros da canalha que assaltou o Brasil terão o mesmo benefício? A maluca indagação procede no caso de Toffoli que recém aprende sobre as leis, eis que ao ser reprovado em concursos para juiz estadual ganhou “bolsa” (do amigo Lula) no STF onde há melhores condições para estudar Direito. E por que o Favreto fez o que fez?

Dois outros aspectos preocupam os botões nessas decisões debochando do povo que sofre pela corrupção que sonega serviços básicos. O primeiro: o cara de esquerda tem o direito de roubar? Ao saber dessas doutras decisões do Toffoli e do Favreto lembrei que 007 tinha licença para matar e, vai daí, nada mais justo que aqui não se chegue a tal extremo e se fique só no direito de roubar. Os súditos de Lula são mais civilizados do que os súditos da rainha da Inglaterra. Embora tangenciem a máxima do Maluf: “estupra, mas não mata”.

Outro ponto: definitivamente as esquerdas que aqui se aboletaram no poder não vieram para mudar. Seguindo o exemplo mundial vieram substituir a direita que rouba desde o descobrimento! Chegou a vez de a esquerda sacanear, afinal que democracia se pratica entre nós?

Deixando de lado o leguleio, recordando o sacrifício da luta contra a ditadura e indo direto na sabedoria popular “são as novas moscas do mesmo bagaço?”.



50 anos depois a “utopia” só quer salvar um malandro

Impossível não retornar a mente para 1968 quando nos deparamos com um Brasil atolado numa crise econômica, política, social e ética tão grave como esta de 2018.

O que foi gestado, com enorme sacrifício, a partir desse ano até o fim do arbítrio e a reinstalação da democracia não poderia resultar nessa bandalheira que angustia e deve perturbar muito sociólogo.

Olhando para trás é triste concluir que chegamos ao fim da picada.

Não deveria ser assim. Não foi para chegarmos a este estado de coisa que muitos ficaram pelo caminho: exilados, torturados, mortos e presos.

O que deu errado?

Por longo período fomos cevando “utopias de esquerda”. Eram muitas.

Os projetos eram diversos, de todos os tipos, desde a implantação do socialismo à edificação de uma sociedade simplesmente democrática, dessas com partidos políticos livres, eleição direta em todos os níveis, liberdade de imprensa, independência dos poderes, livre associação. Coisas mezinhas que nos levariam à uma nova ordem, inclusive no plano ético.

O fim da corrupção estava na base de todas as falas, nem sempre propagado pela mídia eis que “em festa de nhambu, jacu não pia”. Eram tempos difíceis, mas a tal da resistência também não deu moleza aos donos do poder.

Assim, como “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” décadas depois quem esteve na planície brigando por algo novo comandando o poder no Planalto Central por mais de vinte anos – é preciso repetir isso muitas e muitas vezes. Estava concretizado o grande sonho de ocupar os postos de mando e consolidar nova realidade para os pobres! Era a hora de tornar prática aquela luta bonita para melhoria da vida de todos.

Uma geração de brasileiros fazia história, concreta e não nos livros a olhos vistos. Não era coisa pouca: a geração que combateu o velho, os vícios e que traria o novo, a virtude, tinha finalmente chance imensa de montar outro Brasil. Aham pouco?

Mais emblemático, chegamos a isso sem a sanguinolência que caracterizou as transformações sociais e econômicas ocorridas no século passado neste mundo de Deus (América Latina inclusa).

E o que tempos agora após duas décadas de governos “utópicos de esquerda”? Em que lugar da prateleira foram colocados os interesses da população?

Bem, para não poucos, o que sobra, além das trágicas estatísticas que mostra a falência da tese de “que só basta vontade política” é a esquizofrênica “batalha” para tirar um malandro da cadeia. Não tem sentido isso! Todo aparato da “esquerda utópica” se resume em livrar Lula – que nos lembra à miúdo a historietinha de Ali Babá e os quarenta ladrões – de trás das grades. Desde ativistas de direitos humanos até sociólogos da nova escola de advogados, se esmeram nessa empreitada que nos remete ao hilário “Exército Brancaleone”

Afinal, o cara roubou ou não roubou? Corrompeu ou não corrompeu? Prevaricou ou não prevaricou? Lavou dinheiro ou não lavou? Afinal, procuradores, policiais federais, promotores, juizes, grandes empresários resolveram montar um complô contra o cara? Olhando Brasil, Venezuela e Cuba (para ficar aqui perto) entendemos um pouco melhor a expressão a “história se repete como farsa...”

Terça-feira, 31.07.2018, Passo Fundo



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Na eterna trilha das nossas incertezas

"Quem sabe o que vai acontecer amanhã está muito mal informado". O que era expressão apenas para azucrinar as pitonisas que se revezam nos plantões da história torna-se realidade entre nós brasileiros nas coisas mais cozinhas. Como, por exemplo, ter certeza da escolha certa sem saber o nome de todos os candidatos a presidente e se até presidiário insistem em concorrer.

Chega ser hilário assistir possíveis candidatos fatiando o País em troca de ses emblemáticos e vitais minutos de rádio e televisão, essenciais na campanha para quem deseja chegar à presidência.

Aqui, ultimamente, se aplica quase tudo, com o que é natural esta sensação de quarto bagunçado com goteiras por todos os quantos. Estaríamos nós - agora com viés diferente, provocado pela corrupção - vivendo o que o sociólogo Stanley Cohen define como "pânico moral", fenômeno que "as sociedades estão sujeitas de vez em quando"?

E seguimos iguais em torno de um ponto crucial: continuamos tendo absoluta certeza sobre o que não queremos, mas não sabemos definir exatamente como chegar ao que desejamos. Temos sido - e aí este mundão de Deis nos acompanha - especialistas do fato consumado. Por quê? O sociólogo francês Jean Baudrillard tascou esta: "existe tanta informação no mundo moderno que não podemos absorvê-la toda para descobrir o que de fato está acontecendo".

Você pega, para citar apenas um dos casos no campo econômico, a pauleira que tem recebido a tal de "sociedade de consumo". É como bater em morto. Tanto quem desanca - com suas razões inerentes a muitos fatos - como quem houve vai ao orgasmo apontando os malefícios desse consumismo desenfreado. Alguém, entretanto, já ouviu alguém apresentar alternativa sólida para isso. O assustador que os maiores bolsões de miséria, desesperança, ignorância estão nos lugares em que nada se consome!

Você pega, para ficar em singelo caso no campo político brasileira e indaga: quem sabe explicitar com exatidão - claro tendo em conta uma perspectiva histórica dos últimos cem anos - o real significado das candidaturas de Jair Bolsonaro e de Manuela D'Ávila nesta nova etapa da vida nacional onde um projeto para consolidação da democracia faliu por causa da corrupção?

Não, não é provocação! Até que ponto o discurso carcomido deles que polariza boa parte de nossos intelectuais tem sentido neste terceiro milênio? E voltamos ao Jean: "vivemos num mundo onde há cada vez mais informação e menos sentido." Quer dizer, ninguém tira tempo para refletir quais tragédias produziram - no passado ainda vivo - o modo de pensar do Bolsonaro e Manuela!

Como pode uma pauta bolorenta alçar voo tão alto numa sociedade que recém saiu de uma ditadura e que pretende construir uma sociedade democrática?

Como as coisas são fáceis no discurso!

Assim, nada como divagar - seria navegar? - por mares já navegados. No fritar das batatas ficamos naquela do "faça o que eu digo, não faça o que eu faço." Nunca o americano Robert Merton teve tantos adeptos no Brasil, sua teoria de que "algumas pessoas cometem crimes porque estão respondendo a uma situação social" foi discurso forte da esquerda ligada ao Lula - que acabou estigmatizando os mais pobres tidos como compelidos ao crime. Foi tal turma que mais se envolveu na criminalidade (junto com a turma do outro lado, ligada ao Cunha e ao Cabral). Qual "situação social" levou esses arautos da ética mergulharem na corrupção? É fogo!

Carregando o andor nessa nova trilha de incertezas - somos peritos em criar problemas - talvez possamos buscar alguma esperança no lendário Fênix, pássaro da mitologia grega, que morria, mas depois de algum tempo renascia das próprias cinzas...

Da Academia Passo fundo



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sobre a homenagem da Prefeitura aos empresários!

Parar marcar a passagem do 161º aniversário de emancipação administrativa e política do Município de Passo Fundo a prefeitura fez algo raro de se ver nestes tempos complexos, de perplexidades incríveis e prestou homenagem especial a cinco entidades empresariais locais.

Quer dizer: o Poder Público homenageou homens e mulheres capitalistas que se movem para ganhar dinheiro, que correm todo tipo de risco para investir, que precisam ter ousadia fora do fora do comum para enfrentar esse tal de mercado, que labutam sem dia e hora em busca do lucro?

Nessa história do LUCRO, palavra que ainda gera urticária em caras que se dizem do "bem" (megalômanos!?), fico imaginando se a natureza nos desse SÓ uma saca de soja para cada saca plantada! SÓ uma saca de milho por cada saca plantada. SÓ uma saca de trigo por cada saca plantada. Ah, sim, quem melhor cuida da plantação tem colheita maior! Pois é, a natureza é quem por primeiro ensina que sem o tal de lucro talvez ainda estivéssemos nas cavernas.

Com meus botões fiquei imaginando como essa iniciativa repercutiu em alguns púlpitos (camelo passa pelo buraco da agulha, rico não entra no céu?) e partidos (sugam a mais valia?), como tal ato foi avaliado em algumas aulas de sociologia, de filosofia ou de história. Nos mesmos locais não se fala sobre os 13 milhões de desempregados do Brasil nem por que, aqui no Rio Grande, deram um chute nos fundilhos da Ford!

Quem leva em conta que no último século submergiu na insanidade o esforço de grandes líderes (grande líderes?) para exterminar os empresários em dezenas de cantões do mundo, a homenagem em Passo Fundo tem significado especial. A história recente da humanidade também é a história da orgástica missão de nossos maiores pensadores para exterminar com os empresários. Nunca tantos fizeram tanto esforço para extirpar o que hoje chamamos de empresários da face da terra como nos últimos 100 anos.

Só para lembrar uso exemplo próximo: primeiro ato de Fidel Castro foi tomar as empresas dos empresários e agora de joelhos o irmão de Fidel e sua tropa de celerados criam mecanismos para gerar uma nova geração de empresários em Cuba!

Voltando: aqui foram homenageados pelo Poder Executivo o Sindicato do Comércio Varejista (Sindilojas), o Sindicato Rural, a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário e a Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agronegócio (Acisa) de Passo Fundo.

A homenagem se reveste de significado emblemático e carrega pitada extra de relevância quando se leva em conta que o Prefeito Luciano Azevedo integra o Partido Socialista Brasileiro. Durante a cerimônia, disse que Passo Fundo é um dos municípios que mais cresce e que tem um dos maiores índices de desenvolvimento em ritmo superior ao do Rio Grande do Sul e do Brasil e que isso se deve ao trabalho e esforço de muita gente, principalmente das entidades que foram homenageadas.

Insisto: vale refletir sobre esse ato, especialmente levando em conta que o último século foi pródigo (até em sala de aula) em perorações contra a figura do empresário. É algo muito mais complexo do que imaginamos! Em minhas conversas com alunos do ensino fundamental, debatendo meus livros infantis, às vezes perguntava o que eles gostariam de ser quando crescessem. É exercício interessante e gostoso e nas milhares de respostas que ouvi apenas uma vez um pequeno disse que gostaria de ser empresário. Por que será que isso ocorre? Até empresários fogem da resposta. O SEBRAE local, por exemplo, sequer quis me ouvir sobre isso!

Faço o registro dessa homenagem, ainda, porque não faz muito sugerimos que a Prefeitura liderasse iniciativa para forjar monumento em homenagem aos homens e as mulheres que desde 1857 estão gerando empregos e renda em Passo Fundo e raramente se diz que sem eles o município não teria a pujança de agora. Vejam, sem os tropeiros, sem o Cabo Neves, sem o Fagundes dos Reis, sem o trem, sem a UPF não seríamos esta Capital do Planalto. Mas, afinal, qual o papel, em nossa HISTÓRIA, desses homens e mulheres que abrem e fecham portas à sociedade na Morom, na Avenida Brasil, na Presidente Vargas, na Bento Gonçalves, por todas as ruas, por todos os bairros da cidade na tarefa de comerciantes, prestadores de serviço, produtores de bens?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Maduro mata e depois chora no velório

Um professor, singelamente, afirmaria que “o termo migração corresponde à mobilidade espacial da população. Migrar é trocar de país, de Estado, Região ou até de domicílio. Esse processo ocorre desde o início da história da humanidade”. Desde sempre as pessoas, tidas como inquietas, perseguidas, violentadas, trocam de lugar.

Peguem o Rio Grande do Sul (vale para o Brasil), por exemplo. Aqui as pessoas começaram a chegar depois, mas muito depois da extinção dos dinossauros. Os povos indígenas vindos da América do Norte foram os primeiros. Os homens de sotaina vieram da Espanha, muito tempo depois, para trazer um novo Deus a eles.

Não demorou chegaram portugueses, africanos, levas de europeus, de asiáticos, de gente do oriente médio e nunca mais parou de chegar homens e mulheres falando línguas diferentes, vestindo roupas diferentes, comendo coisas diferentes, dançando e cantando coisas diferentes e a gente virou esse País que – quando tomarmos jeito – será realmente exemplo para o mundo.

São incontáveis os motivos que impulsionam os fluxos migratórios: econômicos, políticos e culturais. A coisa é simples: um presente muito ruim, cheio de sacrifícios e ameaças que praticamente elimina a possibilidade de futuro decente, estimula as pessoas abandonarem tudo e buscar novo lugar para viver. Quer dizer, plantar novo futuro é o que mais leva as pessoas migrarem.

Então, se é um fenômeno tão antigo (quantos de nós aqui no Rio Grande e no Brasil pode dizer que nada tem a ver com ele?) por que migração ainda assusta, irrita, incomoda, gera perplexidade e incompreensões?

O incidente ocorrido em Pacaraima, no Estado de Roraima, para onde foi a Força Nacional após um comerciante denunciar ter sido assaltado por venezuelanos que fogem do governo de Nicolas Maduro deve servir de reflexão para todos e a partir disso tentar responde essa indagação. Até porque nesse ritmo de quase mil venezuelanos entrando no Brasil por dia precisamos deixar o achismo de lado e pensar sério no fato.

Outra coisa: os dados são conflitantes, mas organismos internacionais estimam que cerca de dois milhões de venezuelanos já fugiram da fome, da falta de remédio, da repressão gerada pelo governo populista e esquerdista de Nicolas Maduro...

Como vem ocorrendo na Europa de modo negativamente surpreendente (os europeus estão assustados com fluxo migratório da África) e nos Estados Unidos (o Trump botou os pés pelas mãos), o Brasil também não se preparou adequadamente para enfrentar os fluxos migratórios atuais que deve se ampliar.

Claro, nosso caos econômico e social (recessão, desemprego, falta de serviços básicos) faz aumentar a animosidade e a tensão do brasileiro com quem chega aparentemente para agravar suas dificuldades diárias.

Eis algo que precisa estar em pauta também para o próximo presidente, pois a se confirmarem as previsões mais pessimistas, o problema migratório para o Brasil recém começa a aflorar. Devemos e precisamos, como Nação, tratar da questão com seriedade.

Óbvio, não vai ser fácil, enquanto governos quase facínoras brincam com suas populações. E esse é caso de Nicolas Maduro. Ele transformou a Venezuela – um dos países mais ricos da América do Sul – num verdadeiro pardieiro e a inda debocha dessa situação. No caso em pauta da Roraima o Governo de Nicolas Maduro enviou nota ao Itamaraty pedindo “garantias” aos venezuelanos que ele expulsou. Revelando-se um típico psicopata disse estar preocupado porque os famintos venezuelanos que ele tocou do País estariam sofrendo atos “que violentam normas do Direito Internacional”.

Essa do Maduro pedir para o governo brasileiro cuidar seu povo lembra a história do cara que mata e depois chora no velório...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Quem hidratou Bolsonaro?

Vão lá quase quarenta anos desde que ouvi pela primeira vez que no território da "política jamais vai existir espaço vazio".

Lembrei-me dessa frase antiga diante de análises tentando explicar o que alguns já chamam de "fenômeno Bolsonaro", mas, principalmente, porque muitos intelectuais que se dizem de esquerda alertam para "o perigo que ele representa para a democracia".

É isso mesmo, o candidato Jair Bolsonaro é ameaça para a democracia? Sim, aqui na América do Sul tipos como ele apresentam essa configuração de ameaçar.

Entretanto, nesse quadro complicado da política nacional os perigos são muitos e a churumela parece reinar no debate das questões mais profundas.

O panorama nacional é tão complicado, tão fora do quadro didático usado para nos ensinar política no Brasil que um ruralista, ou seja, um latifundiário é hoje chamado de estadista até pelos ícones do pensamento de esquerda. O que fazer se Getúlio Vargas, ditador na acepção do termo (isso não deve ser minimizado jamais), um direitoso, cara das elites, se tornou o pai dos pobres? Fez mais pelos trabalhadores do que aqueles que se diziam lídimos representantes da classe apesar de suas origens tipo nipo-nazifascista!

Tem mais, parte dos que alertam sobre Bolsonaro ser cara propenso a ditador pelas redes sociais são os mais ferrenhos e destemidos defensores de regimes ditatoriais como os de Cuba e Coréia do Norte. Em pleno terceiro milênio ainda estamos achando que dependendo da ditadura ela pode ser boazinha.

O Brasil tem sido assim, difícil de entender! Parece que o debate de hoje não consegue evoluir e sair das ideias dos anos de 1960.

Vamos a outra esquisitice: como explicar que parcela expressiva da população que verga sobre o efeito da crise que tem na corrupção um de seus fatores mais cruentos afirma estar pronta para votar num corrupto? Em que outro lugar do Planeta cidadão condenado e preso por corrupção – como é caso de Lula – tem a cara de pau de querer chegar à presidência da República? No mínimo isso é um deboche.

Voltando: Bolsonaro não caiu do céu.

Ele foi cevado como quem ceva peixe em pesqueiro.

Diante de alguns fatores que preocupam os brasileiros (criminalidade que fez mais 60 mil homicídios no ano passado, insegurança aprisionando o cidadão dentro de casa, impunidade, Justiça lenta) que foram maximizados nos últimos 25 anos o militar da reserva, que não teme parecer fora do contexto do politicamente correto, surge dizendo que vai acabar com isso.

A coisa é simples: a elite política brasileira alçada ao poder pelo voto depois do fim do regime militar não deu respostas consistentes e duradouras para a população por anorexia intelectual. Aqui também foi posta em prática essa vigorosa incompetência que tísna os governantes latino-americanos. Estamos pagando alto preço ao constatar, outra vez, que a boa intenção é inócua e perpetuadora das distorções.

O populismo de bravata – aqui menos letal desse que sepulta a Venezuela – foi sendo cevado por diferentes matizes de esquerda. Vieram disso migalhas à população mas razões portentosas que engordaram banqueiro, megaempresários e os ditos "lídimos representantes do povo" se locupletaram e hoje estão na mira de uma Justiça que teima em ser morosa com os ricos e poderosos. Aliás, só confirmou outra máxima da política: "o poder corrompe". E como corrompeu, hein Lula?

Assim, qualquer coisa ocupa os espaços que parecem ficar vazios no campo da política. Jair Bolsonaro é um produto dessa realidade. Os erros e safadezas desses ditos governantes de esquerda hidratam Bolsonaro.



Insegurança pode levar Bolsonaro à presidência?

A impressão generalizada de insegurança excruciante, o clima aflitivo de medo que tolhe nossa plenitude em termos de usufruir a liberdade de ir e vir, essa sensação pungente de guerra civil no Rio de Janeiro, o Nordeste devastado pelo crime e outras coisas do gênero terão que reflexos nas eleições do próximo mês?

Num momento em que os números mais relevantes confirmam a existência de tragédia sobre a qual pouco refletimos em sua inteireza, o quesito segurança poderá ser o elemento fundamental para impulsionar um candidato como Jair Bolsonaro?

Lembrar que temos 12 milhões de analfabetos dá voto? Dizer que apenas 8% dos brasileiros dominam português e matemática seduz o eleitor? Citar que 21 milhões de lares estão sem rede de esgoto, que 31 milhões de brasileiros não tem água encanada, que 20 milhões não tem acesso à coleta de lixo faz o candidato aumentar o número de votos nas urnas? Tenho minhas dúvidas!

Adversários de Bolsonaro fizeram pesquisa qualitativa sobre sua entrevista ao Jornal Nacional quando ele e Wiliam Bonner e Renata Vasconcellos tiveram momentos de tensão. O resultado foi ruim para quem é contra o candidato. Diz a Folha de S.Paulo que tal pesquisa mostrou que "o clima de enfrentamento no estúdio foi aplaudido e que a defesa de uma polícia letal foram os pontos altos do Bolsonaro".

Nada de diferente do que se constatou também aqui em Passo Fundo: quem ouviu Bolsonaro dizer que violência se combate com mais violência (não se usa 22 contra uma metralhadora) aplaudiu a fala.

Para o povo tido como cordial, bonachão, estilo Zé Carioca, como explicar essa postura de fúria? Existem várias opiniões (uma diz que ninguém deu atenção adequada ao quesito segurança interna desde a redemocratização até por postura ideológica), mas agora os números gritam sem necessidade de grandes tergiversações.

Vamos a alguns desses números:

1) O Brasil é o primeiro no mundo no consumo de crack e o segundo na cocaína; 2) 62.517 brasileiros foram assassinados em 2017; 3) foram 22.550 ocorrência de roubo de carga em 2016; 4) 553 mil foram assassinados em 11 anos; 5) um roubo de carro ocorre por minuto; 6) são 7 latrocínios por dia; 7) com 726 mil presos temos terceira maior população carcerária do mundo; 8) casos de assaltos a banco é duas vezes maior que a média mundial.; 9) nossa taxa de mortes com armas de fogo é 5 vezes maior do que a americana; 10) entre nós a questão da crueldade vem aumentando e os números da violência equivalem a de pais em guerra; 11) quase 150 policiais foram assassinados em 2017; 12) foram 47 mil mortes no trânsito e 400 com alguma sequela, no ano passado.

Por que o índice de violência contra a mulher aumentou? Por que aumentou o número de agressões sexuais a vulneráveis?

Com um panorama dessa envergadura claro que devemos nos preocupar sobre o efeito na hora em que o eleitor vai colocar o voto na urna.

Afinal, o que move o eleitor votar em determinado candidato?

Quem pesquisar se surpreenderá com as incontáveis motivações que levam o voto chegar a determinado destino! Mas não é raro, em circunstâncias especiais, um fator nos colocar sob o efeito de estouro de boiada. Até que ponto violência, medo, insegurança, criminalidade, desesperança turbinarão esse discurso do Bolsonaro?

**Ivaldino Tasca**

itasca@uol.com.br

Balas em Marielle e facada em Bolsonaro

A socióloga e vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Marielle Franco foi morta a tiros em atentado em março de 2018 no Rio de Janeiro. O militar da reserva, deputado federal e candidato a presidente pelo Partido Social Liberal (PSL), Jair Bolsonaro sofreu atentado a faca em Juiz de Fora, Minas Gerais na semana passada.

Em meio a sangueira que pinta de vermelho o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste esse dois fatos violentos envolvendo políticos ganham maiores dimensões.

Não fossem dois acontecimentos macabros, assustadores, trágicos sugerindo que o País passa por algum tipo de enfermidade daria para fazer blague e dizer que em 2018 esquerda e direita empatam no quesito violência. Isto porque, felizmente, foi só barulho as pedras e os tiros num dos ônibus da caravana de Lula aqui na região.

A violência transita pela história da humanidade desde os primórdios. A partir da antiguidade pensadores buscaram explicação para seu surgimento, tentando entender as várias formas de violência experimentadas pelo gênero humano em contextos múltiplos. Alguns cientistas já estão no ponto para garantir que a violência estaria em nosso DNA.

E não dá para dizer – como já ouvi – que voltamos às cavernas. Pois cerca de 1,8 milhão de anos atrás o Homo erectus integra o sentimento de compaixão à razão através do cuidado aos doentes e atenção aos mortos, demonstrando desejo de suavizar o sofrimento alheio. Cientistas dizem que entre 500 mil e 40 mil anos atrás, o sentimento evoluiu e os primeiros seres humanos, (Homo heidelbergensis e o Neanderthal), já demonstravam compromisso com o bem-estar dos outros, o que pode ser comprovado através de adolescência longa e a dependência em caçar juntos.

Em seu famoso “O Capital” Karl Marx o maior “guru” dos novos tempos vai em direção contrária e diz que “a violência [Gewalt] é a parteira [Geburtshelfer] de toda velha sociedade que traz uma nova em suas entranhas”. No século passado (neste em pequenos locais) seguidores de Marx avermelharam de sangue parte do Planeta e embora ainda tenha seguidores sua “religião” da violência não explica tudo – até porque todas as demais que em seus livros sagrados estimulam a eliminar os “hereges”.

Aqui no Brasil estamos sendo vítimas de uma onda crescente de violência desde o início dos anos de 1980. Paradoxalmente, justo quando chegamos na democracia vamos sendo engolfados por lento, gradual e inexorável clima de violência cotidiana. Ficamos perplexos ao descobrir que a violência no nosso dia a dia cresceu justo quando entramos numa democracia. Sem dúvida, algo insano.

Todos os números do setor desde o início da redemocratização são excruciantes. A intolerância tornou-se nossa marca registrada desde que passamos a nos dividir entre esquerda e direita. Nas redes sociais os “navescentes” destilam ódio por qualquer motivo banal. Tratamos quem discorda da gente como se fosse bandido.

Hoje o Brasil está entre os mais violentos do mundo. E pegamos parelho, vai do campo de futebol às ruas, às crianças, às mulheres...

Que fatores produzem tal fenômeno? Quem tem certeza?

Nesse contexto o chato é indagar: o brasileiro é civilizado? Levando em conta que civilizado é o indivíduo bem-educado, cortês, civil, tolerante, respeitador, polido, simpático, reverente a resposta a tal indagação pode desagradar.

O pior é que ada diz que vamos reverter tal quadro a curto prazo.



Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista

itasca@uol.com.br

Sobre o arado de boi, Lula e outros gurus das esquerdas

Incrível (às vezes assustador) como a sobrevivência da espécie humana depende de responder com exatidão, a cada instante do tempo, a novas perguntas – na real a ter capacidade enfrentar com êxito os novos desafios.

Esse processo dinâmico que nasceu no Big Bang, ganhou nova direção como o “homo sapiens” e explodiu com a invenção da roda e o domínio do fogo – é o “perpetuum mobile”, como ensinou o professor de Latim ainda no antigo ginásio. Tudo é movimento, não tem nada estático. Tudo é plural. Tudo é desafiador!

Agora, por exemplo, temos duas indagações singelas.

A primeira: o que seria da humanidade se hoje tivesse que produzir alimentos que lhe garante a sobrevivência usando arado de bois? Pensaram nisso? Minha impressão é a de que isso é tido como algo de maluco! A segunda: qual o fenômeno transformou esse equipamento que em dado ponto da história é saudado como extraordinária tecnologia em simples peça de museu?

No campo da química, da física, da matemática, por exemplo, é onde o eterno movimento da mudança se expressa inevitavelmente (diabolicamente para alguns) e o drone (veículo aéreo não tripulado, controlado remotamente que realiza várias tarefas) confirma que o horizonte continua amplo.

No território do pensamento político, filosófico, sociológico podemos considerar como arados de boi o marxismo, o leninismo, o stalinismo, o maoísmo, o gramscismo? Ou o fascismo e nazismo? Eis o atoleiro perigoso destes que deveriam ser novos tempos, mas que, ao contrário, nos mergulham no mofo.

Quando se olha o século passado onde esses “ismos” foram até guia dos povos e vigorou a ferro e fogo a impressão que fica que sim, ou seja, a coisa toda – como o arado – foi para o museu e ali a gente estuda para não repetir os mesmos equívocos. Certo? Não! Quando se olha Venezuela, Cuba, Coreia do Norte de hoje constata-se que o “arado de boi” é usado como se fosse tecnologia avançada. Tudo resiste insanamente, nada acaba em museus e ficamos sem a chance de aprender com a história.

Quando se verifica práticas políticas, dissertações acadêmicas e o pensamento dos novos gurus da utopia constatam-se sutis armadilhas (menos Marx, mais Gramsci), mas tudo “está tudo como dantes no quartel d’Abrantes”. Ou até pior com essa de, entre nós, gerar o “lulismo” – ou seja, um “ismo” caboclo que leva ao delírio...

Quer dizer, continua o descomunal e insano esforço objetivando “transformar o mundo plural em mundo singular” alegando que fazem o contrário. Nessa de pasteurizar o mundão ganha espaço o bordão que prega “o contrário do vice-versa”.

Aqui no Brasil, nos anos de 1960 quando o arado de boi foi sumindo (as ciências agrárias davam passos seguros rumo à revolução agrícola) algo novo parecia raiar no horizonte do pensamento político, filosófico e sociológico.

Vamos repetir: parecia!

O país rural que em 50 anos bota o arado de boi no museu e virou urbano, triplicou a população e se tornou um dos maiores exportadores de alimentos do Planeta assiste uma tragicomédia em que um condenado por leis democraticamente aprovadas se acha ungido por deuses que só tem produzido infernos...

Nada explica tão claramente as razões do nosso caos econômico, político e social do que essa baboseira montada em torno de Lula. Quem entende uma prática que desmoraliza o Judiciário, desrespeita a lei, dúvida da inteligência da população, acredita que alguns estão acima das regras jurídicas, que transforma partido político em seita?



Contraponto Ivaldino Tasca

1938 - 2018

Lula ou Bolsonaro? Que futuro esperar?

Estamos diante de algo impensável não faz muito, ou seja, crer que o destino do Brasil está nas mãos de Jair Bolsonaro ou da turma do Lula. Falamos Lula por que Haddad é uma espécie de porta-voz, aquele personagem típico da política sul-americana que através dos cordéis faz o que o "messias" escondido manda.

Será que chegaremos na hora do voto tendo que optar entre um cidadão que reiteradamente demonstra pouco apreço para com o que chamamos de democracia e outro cidadão corrupto, condenado e preso que maneja as marionetes desde o fundo da cadeia?

Vivenciamos uma tragédia?

Está escrito na Wikipédia: "o filósofo Aristóteles teorizou que espetáculo de palco como a tragédia resulta numa catarse da audiência e isto explicaria o motivo dos humanos apreciarem a assistir ao sofrimento dramatizado".

Quer dizer, a plebe ignara e, óbvio, a parcela não tão ignara assim, fica elétrica diante de dramas que podem nos levar ao fim do mundo?

Sadismo para Freud explicar?

Essa tragédia clássica que tentam repaginar constantemente deve cumprir ainda segundo Aristóteles, três condições.

A primeira possuir personagens de relevo, de destaque diante a plebe ignara, ou seja, pé-de-chinelo não subiria ao palco. Segundo, deve ser contada em linguagem culta, nada de leguleios populares de mesa de bar, tem que ser palavras de uso restrito. Por último, ter "final triste, com a destruição ou loucura de um ou vários personagens sacrificados por seu orgulho ao tentar se rebelar contra as forças do destino".

Estudiosos dizem que "apesar da abundante produção na antiguidade, a maior parte das tragédias gregas não sobreviveu até os nossos dias". Assim, cada região, país ou cultura foi inventando suas "tragédias" – na vida cotidiana ou em palcos.

Nós, agora, podemos estar vivendo outra grande tragédia com dois ingredientes típicos das que tornaram a Grécia famosa nessa área: personagens de relevo e conversas de fregar traíra desaviada.

O terceiro elemento sai do palco, deixará os "atores" a salvo para colocar o sacrifício ao alcance do espectador: Lula ou Bolsonaro?

Tragédia gestada com todas as idiosincrasias costumeiras.

Um olhar de revesgueio em nossa história recente mostra que não conseguimos ficar muito tempo longe dos atoleiros.

Não é exagero dizer que parte do eleitorado está atônita com a possibilidade de ser obrigado a optar entre um ou outro. Não poucos se deparam com uma decisão difícil de colocar em prática diante do local de votação.

Nem se trata de lembrar o óleo de ricino da infância tomado como laxante, pois o gosto amargo era superado com uma colher de açúcar e a certeza dos alívios gerais. Agora, muitos eleitores não escondem que deverão optar entre duas escolhas igualmente perturbadoras em relação ao futuro.

Quem diria que com 35 partidos políticos legalmente atuando chegaríamos a esse patamar desastroso da política nacional? Um patamar de tragédia grega...



E agora José?

Minha geração sofreu grande impacto com o poema “José” do grande Carlos Drummond de Andrade que veio a lume em 1942. Indagando, do início ao fim, no “e agora José?” o poeta foca a sensação de solidão, de abandono, de angústia que toma conta da pessoa diante de um futuro duvidoso. “E agora José?” provoca o indivíduo que está perdido na vida, sem saber com certeza qual o melhor caminho a tomar.

Lembrei-me de Drummond ao meditar que em menos de uma semana estaremos, nós os brasileiros, diante do dilema de escolher o melhor caminho para nossas vidas. Nós sabemos, efetivamente, qual é nossa melhor escolha?

Não seria um boçal para dizer que não!

Mas, convenhamos, não é simples escolher o melhor! Por quê?

Vamos a alguns complicadores: 1) são 35 siglas partidárias (as maiores com as cúpulas envolvidas em odiosa corrupção) engalfinhadas em embates oportunistas; 2) uma campanha eleitoral curtíssima, 3) um presidiário, típico salvador da pátria terceiro-mundista, dando cartas e querendo jogar de mão; 3) dos treze candidatos a maioria passa mensagens telegráficas; 4) como um avatar pode concorrer?; 5) o ódio move “os bons” de um lado e “os maus de outro”; 6) os presidenciais falam como se tudo depende da vontade deles e que a crise será superada com um passe de mágica.

Em seu belo livro “A vida em pequenas histórias” Walter Daudt, competente psiquiatra passo-fundense, escreve que “entre nós, humanos, há uma enorme preferência pelos comportamentos menos trabalhosos. Contudo, a solução para a maioria de nossos problemas requer algum trabalho – o jeito mais fácil, em geral, apenas funciona para tapear e adiar um problema que vai incomodar mais tarde”.

E aí o Drummond poderia indagar a José: “você votaria num candidato que vai decidir nosso destino pelos próximos quatro anos e que pode influenciar nossas vidas por década que falasse somente a dureza da verdade e dissesse que aplicaria os remédios amargos que a atual crise exige de um governante responsável”?

Entre quem diz que “precisamos apertar o cinto” e quem garante que “sei que podemos afrouxar o cinto” em quem a maioria votaria?

Daudt, em outro trecho desse livro escreve: “muitas pessoas, fácil e rapidamente, acredita no que lhes é proposto, ainda mais se houver a expectativa de um ganho sem esforço. Há o desejo que um deus ou um rei bondoso lhes darão presentes e favores sem custo. Trata-se de um terreno humano bastante fértil: acreditar em promessas variadas”.

O bom senso diz que é saudável, em momentos complicados, refletir um pouco mais para tomar decisões importantes! Mas há tempo para isso, agora?

Voltando a Drummond, tem um trecho de seu famoso poema que diz: a noite esfriou,/o dia não veio,/o bonde não veio,/o riso não veio,/não veio a utopia/e tudo acabou/e tudo fugiu/e tudo mofou,/e agora, José?

Pois é, para resumir apelamos ao filósofo do bar da esquina: este é o momento de levantar do chão sustentado no cadarço do próprio sapato...



Um novo Brasil com Haddad ou Bolsonaro?

Uma decisão já foi tomada pelos brasileiros no ultimo domingo: Fernando Haddad, espécie de avatar de Lula ou Jair Bolsonaro, cara do chamado baixo clero na Câmara dos Deputados que assume – de repente – papel principal na ribalta será o novo presidente do Brasil.

Isso já está definido!

Para o bem ou para o mal, não tem volta.

Essa foi uma campanha presidencial atípica.

Muito curta e sem chance para candidato informar, em profundidade, a fórmula para tirar o País dessa crise econômica, política, social e ética que nos assola.

Foi tão atípica que o candidato que praticamente não falou e um presidiário deram as cartas no processo de conquista do eleitor. A facada em Bolsonaro – condenável sob qualquer ângulo – e esse deboche da turma do Lula propondo um novo Brasil a partir da prisão serão sempre lembrados no futuro com pesar.

Em todos os níveis da campanha (presidente, governador, senado e deputados estaduais e federais) quem foi contundente ao abordar a questão da insegurança, da criminalidade, da bandidagem agradou o eleitorado. O exemplo próximo da gente e emblemático disso está na eleição de Luiz Carlos Heinze como senador dos gaúchos. Ele foi direto e incisivo e a população gaúcha, que se sente insegura, apostou nele.

Com previdência quebrada, o sistema tributário caótico, a saúde em pandarecos, a educação em nível trágico, a corrupção incrustada na máquina pública de alto abaixo, com a criminalidade com índices inimagináveis, com privilégios inconcebíveis que sugam os recursos públicos acintosamente e geram castas de intocáveis, com 35 siglas partidárias como promover as reformas de que o País necessita?

Esse é o desafio do próximo governante!

E nesse contexto nada agradável chovem teses, escritos, estudos, inclusive no exterior, alertando para os riscos que ambos – Bolsonaro e Haddad – representam para a democracia brasileira.

Quem realmente nota isso aqui?

Em publicação recente os cientistas políticos da Universidade de Harvard (EUA) Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, descrevem que “nos últimos 30 anos as democracias não vêm sendo enterradas por rupturas drásticas da ordem institucional, como golpes militares ou revoluções socialistas. Mas sim por mudanças institucionais promovidas por governantes eleitos. E isso ocorre, segundo os cientistas políticos, porque essas nações negligenciam principalmente sobre duas regras informais das democracias: a tolerância e a autocontenção”.

Nessa enxurrada de manifestações preocupadas com o futuro da democracia pululam afirmativas de que “nem PT de Haddad tampouco Bolsonaro têm demonstrado respeito a esses princípios democráticos, pois veem o adversário como alguém com quem não se pode negociar se ele vier a ser eleito.”

Quem olha a Venezuela, por exemplo – que até recentemente tinha a simpatia dos dois políticos levado ao segundo turno – acaba dando razão aos cientistas que temem pela nossa democracia. Quem passa os olhos na sutileza dos escritos de nossos intelectuais gramsciano também concorda com esses temores.

Voltando à indagação: não há como imaginar um novo Brasil – ao menos pelos próximos quatro anos a partir de janeiro – sem passar ou por Bolsonaro ou por Haddad. Claro, pela história recente, mais por Bolsonaro, eis que o primeiro colocado no primeiro turno sempre ganhou no segundo.



Contraponto Ivaldino Tasca

Toffoli, comunismo, 1964 e a demência

Nas comemorações pelos 30 anos da nossa Constituição o presidente do STF, ministro Dias Toffoli, disse algo aparentemente mezinho, coisa tida como banal, mas que a nata da intelectualidade brasileira – e até latino-americana – não diz e tergiversa quando o tema entra em pauta.

Curto e objetivo Toffoli afirmou: “nunca mais escravidão, nunca mais ditadura, nunca mais fascismo, nunca mais nazismo, nunca mais comunismo”. Partindo de quem parte, essa frase tende a passar para a história.

Tudo muito óbvio? Nem tanto!.

É comum, do Oiapoque ao Chuí, via Passo Fundo, parte da esquerda que apoia Haddad condenar com veemência crimes e atrocidades fascistas e nazistas (isso precisa ser feito), mas esconder crimes e atrocidades comunistas (isso não deve ser feito).

Trata-se de algo perigosamente assustador que nos remete à demência, à loucura, à insanidade, à alienação, ao absurdo. E não estou exagerando!

Anote no caderninho para não olvidar: uma ONG criada pela famigerada CIA, agência de espionagem americana, teria classificado “a ditadura brasileira pós-1968” de mais repressiva do que a ditadura comunista da União Soviética.

Como é que é?

Vivi sob o AI-5 tido como o golpe dentro do golpe em dezembro de 1968. Não foi moleza. De esquerda, centro ou direita ditadura é ditadura e ponto final. Mas chegar dizer que tivemos aqui no Brasil mais repressão durante o regime militar do que Lenin/Stálin impuseram na União Soviética é, no mínimo, crer que somos anencéfalos.

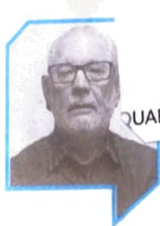
Faça outra anotação: fascistas, nazistas, comunistas et cetera tem boa lábia e são movidos pelo fanatismo religioso que os engolfa e iludem fácil. Mas a afirmação de que nossa ditadura – “regime militar” brasileiro, segundo Toffoli – foi mais repressiva do que a de Lenin/Stálin extrapola qualquer parâmetro para eventuais comparações e estabelece dimensão extraterrena para o quesito porraloquice.

Sob Lenin/Stalin a repressão matava como matamos moscas. Os números do terror comunista na URSS são tão brutais que comente demora processar. Quando a cifra é grande precisamos tempo para traduzi-la e assim foi com os comunistas soviéticos.

Citamos um dado (entre milhares) que o Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França compilou: só entre 1937 e 1938 algo como “681.692 pessoas foram executadas” pelo comunismo soviético. Porém, de fome (o povo foi até ao canibalismo), frio, deportação, execuções sumárias, tortura, nas prisões mais de 20 milhões de pessoas pereceram sob o comando dos comunistas que tiveram o terror como modo de governo.

Nessas de usar dados dessa ONG americana estamos diante da esperteza. Ou de armadilha pior do que aquela feita de taquara para apanhar pomba rola, pois quem chuta a absurda conclusão da CIA que intelectuais de esquerda que apoiam Haddad divulgam pode ser acusado de que querer minimizar o que ocorreu no Brasil durante nossa ditadura ou de apoiar Bolsonaro.

Nesta quadra complexa da vida nacional não mais podemos só ouvir e engolir. Chegou o momento de duvidar de tudo antes de formar opinião, duvidar inclusive do que escrevo aqui. Caso contrário, as notícias falsas, os dados distorcidos e manipulações fascistas, nazistas, comunistas nos transformam em rebanho rumo ao matadouro.



O fenômeno Bolsonaro

Essa eleição entre PT versus PSL nos remete às calendas gregas!

Com apenas um deputado federal o Partido Social Liberal (PSL) era sigla sem expressão, estava na mão de apenas uma pessoa, era conhecido de poucos, não tinha visibilidade nacional, não tinha militância, não tinha diretórios estaduais, não tinha agenda programática.

É isso mesmo, NÃO TINHA muita coisa! Era quase um zero à esquerda perdido no mar de siglas da nossa paisagem partidária. Ah, sim, o seu fundador, o empresário pernambucano Luciano Bivar, foi candidato desse PSL à presidência em 2006 e teve a astronômica soma de 0,06% dos votos válidos.

Já o carismático Partido dos Trabalhadores (PT) tem esse invejável histórico de ganhar quatro eleições presidenciais, incontáveis prefeituras e estados, possuir bancadas fortes no Senado, Câmara Federal, nas assembleias estaduais e câmara de vereadores, de ser apoiado por milhares de sindicatos de trabalhadores, ter sustentação em centrais sindicais como CUT, ser o líder dos movimentos sociais do campo e da cidade, de ser apoiado por parcela expressiva da Igreja Católica, ser preferido por destacados artistas, atores, cantores, de ser menina dos olhos de incontáveis professores de todos os níveis, ser referência nacional e internacional da esquerda, de ser incensado em universidades públicas e privadas, ser aplaudido por destacados escritores, jornalistas e radialistas, de ser bajulado por jovens de todas as classes sociais.

Quer dizer, enquanto o trofego PSL não conseguiu ser mais do que apenas uma lamparina frágil alimentada a querosene o PT era gigante estrela das mais brilhantes movida a energia nuclear resplandecendo em todos os quadrantes do Brasil e era vista e admirada inclusive no cenário internacional. Talvez só o PTB de Getúlio Vargas tenha alcançado tanta ressonância quanto o PT de agora!

Foi nesse quadro partidário que um deputado tido como direitista radical, mais conhecido por falas que atropelam o politicamente correto – em dado momento disse ser a favor da tortura – pega a sigla PSL e sem dinheiro público, sem apoio de figuras expressivas da política nacional, com miseráveis oito segundo no rádio e na televisão decide concorrer. E ganha uma eleição conduzida de início ao fim pelo fígado.

Entre a majestosa estrela da “esquerda” brilhando no azul infinito e a lamparina pífia da “direita” alumando a arruela, a maioria dos eleitores faz a opção que atordoa os analistas mais renomados. E nos remete ao embate entre Davi e Golias. Pode?

Afinal, indagam os mais perplexos, o que aconteceu?

Talvez a resposta que possa nos conduzir a uma análise mais madura sobre esse fenômeno que se tornou Jair Bolsonaro é que ele teve, com o principal cabo-eleitoral, o Partido dos Trabalhadores.

Bingo! Não há explicação

O conjunto da obra do PT, sua postura agressiva elegeu o capitão politicamente incorreto. Com Lula preso por crimes de corrupção à frente da campanha o PT foi efetivamente eficiente e ganha a quinta eleição presidencial consecutiva.

A falta de postura republicana de Fernando Haddad ao falar depois de perder a eleição mostra exatamente isso; e mostra que a esquerda de hoje não consegue tirar os olhos do próprio umbigo. Como pode se intitular democrata o cidadão que não respeita e não reconhece a vontade da maioria expressa nas urnas?



Alguns pilares desses 100 anos do São Vicente

Vou me antecipando às possíveis (e compreensíveis) críticas: tenho consciência plena de que é possível cometer algum equívoco e até alguma injustiça quando se trata de citar nomes ao falar de uma obra de construção coletiva e centenária como o Hospital São Vicente de Paulo.

Neste caso não há qualquer força de expressão: milhares de homens e mulheres contribuíram para que a ousada iniciativa do grupo liderado pelo padre Rafael Iop em 1918 começasse e fosse superando fabulosos obstáculos até chegar a 2018 com serviços admiráveis prestados à preservação da vida. E, de quebra, com inestimável impacto nos setores educacional, social e econômico de Passo Fundo e o norte gaúcho.

Digo isso inclusive porque para que essa estupenda engrenagem de movimento perpétuo – segundo a segundo nas 24 horas de cada dia, nos 365 dias de cada ano – funcione com eficiência em defesa da vida ninguém é mais ou menos importante.

Ao citar alguns nomes dentre milhares levo em conta o fato de que o exemplo positivo individualizado de ações humanas tem conotação pedagógica. Como dia desses repetiu um professor: “as palavras convencem, os exemplos arrastam.”

Entre as milhares de pessoas que fizeram o HSVP estão nove presidentes, nove empresários, nove vicentinos. Conforme o historiador Marco Antônio Damian foram nove “homens filantropos, altruístas, resilientes, que dedicaram parte de suas vidas em prol de um projeto em nome do bem comum, da sociedade passo-fundense. Um desígnio para salvar vidas e muitas foram salvas num período centenário da nossa história. Seus nomes já estão eternizados.”

Desde o primeiro presidente em 1918, o paulistano Herculano Trindade até o lagoense Décio Ramos de Lima, que encerrou o mandato em 2018, todos exerceram suas funções sem qualquer remuneração. Integrantes da Sociedade São Vicente de Paulo – chamados de vicentinos – eles eram/são movidos pela fé e se sentiam na obrigação trabalhar, dando o melhor de si, para que o Hospital São Vicente de Paulo fosse, sempre, superando os desafios de cada novo tempo.

Assim, o castilhense Otacílio Ribas Vieira (1919-1943), os passo-fundenses Luiz Biassus (1943-1949) e Luiz de Lima Morsch (1949-1958), o muçunense Felice Sana (1958-1961/1973-1991), o guaporense Gentil Rebbechi (1961-1964), o florense Plínio Grazziotin (1964-1973/1991-1994), o marauense Dionysio Tedesco (1994-2006) junto com Herculano e Décio estão entre os pilares imprescindíveis para viabilizar o HSVP.

Da mesma forma que ações dos vicentinos foram vitais para idealizar e fazer o São Vicente, o tino administrativo dos sucessivos presidentes foi fundamental para o contínuo crescimento e a permanente atualização da instituição. Eis outro segredinho: nada de amadorismo, achismos, improvisações na gestão. Visão empresarial moderna, inserida em seu tempo, com práticas de extremo profissionalismo levava e leva adiante essa complexa empresa montada no século passado com o objetivo de salvar vidas.

Essa mescla de fé católica, motivação íntima de servir à comunidade e visão empresarial na condução das rotinas administrativas está entre os ingredientes dessa receita que chegou aos cem anos com amplo sucesso e eficiência invejável. Ah, sim, para a trajetória dos próximos cem anos o



DIÁRIO DA MANHÃ - PASSO FUNDO.
TERÇA-FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 2018

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

SOBRE O CARA DA HAVAN

Sem dúvida Luciano Hang quebra os paradigmas, os padrões, os modelos que emolduravam a postura do empreendedor brasileiro.

Na real, ali no taco, a humanidade dá saltos sempre que se quebra o status quo. Têm uns 50 anos, o professor que tentava ensinar dialética foi taxativo: “paradigmas são para ser quebrados, sem isso a humanidade não evolui”.

O cara da Havan que começa ganhar seu sustento aos 17 anos como operário do setor têxtil em Carlos Renaux, Santa Catarina e se torna empresário de destaque no Brasil não tem papas na língua ao dizer o que pensa. E nos leva uma indagação: isso não gera atritos, não cria inimigos para a empresa? Essa somente ele pode responder!

Sem cerimônia ele manda os paradigmas às favas. A julgar pelo desempenho de seu negócio seu jeito ressoa como acertado. Sabe aquela de que “é o olho do dono que engorda a boiada”? Ele além: o cara olha, toca a boiada e faz o marketing!

Já ouvi sobre ele: esse cara é patrão na área comercial! Escavadeira de túnel, é o que ele é, disse um publicitário. A gente até pode não simpatizar com ele, mas o cara é fera no varejo, afirmou um concorrente.

Por causa de alguns fatos que quebram paradigmas ficou impossível não falar do cara da Havan após inauguração da filial de Passo Fundo, a primeira do Estado.

Vamos lembrar algo assim: nos últimos 50 anos havia um padrão na postura dos empresários – especialmente os grandões – quando se tratava de falar ao público (para conquistar clientes?) e de se mover entre os cristais que formam o ambiente da política.

Mantendo-se longe das armadilhas que podem surgir sob os holofotes intensos e preferindo os bastidores havia um padrão no movimento do empresariado. Homens decididos, ousados, correndo risco, apostando quase no tudo ou nada eram precavidos (?), discretos quando se tratava das luzes da ribalta. “Cheios de dedos”, medindo as palavras, assim verbalizavam seu pensamento essa geração de empreendedores.

Luciano Hang é diferente, o cara da Havan é, como se diz no Pampa, colhudo? Em outras palavras: sujeito destemido, que enfrenta o perigo, que aguenta o repuxo, índio guapo de lábia afiada? De queixo duro reponta os negócios com destemor? Ainda mais levando em conta que as redes sociais viralizam tudo em segundos e as opiniões contra e a favor brotam como cogumelos depois da chuva.

Como cheguei a tais indagações?

Quem inaugura loja em tempos políticos e econômicos azedos, medonhos como estes que vivenciamos sem ter o caixa com o número “13” para o cliente pagar a compra por que “dá azar e faz mal para o País”? Foi o que declarou na festa de inauguração em Passo Fundo ao explicar porque eliminou o caixa “13”. É ou não é um talagão no PT?

Sem perder a vaza em terras gaúchas o cara da Havan deu uma entrevista que vai ficar na história. Depois de dizer que era um “prazer abrir a primeira loja” no Estado, que vai investir em quatro pequenas hidrelétricas e que para cá podem vir até 50 filiais em investimentos que poderão chegar a dois bilhões foi elevando o tom: “vamos transformar junto o Rio Grande do Sul. Vamos mudar o Estado com os gaúchos”.

E foi lançando boleadeiras e mais boleadeiras em rápida conversa pelo rádio: “você são vítimas da esquerda, vítimas do PT. Eles destruíram o Estado de vocês. Vocês podem muito mais. Há muitos anos atrás o Rio Grande era uma potência, era um dos estados mais fortes da Nação e com os anos a esquerda destruiu o Estado de vocês”.

O que dizer desse marketing? O tempo dirá, mas nunca a Havan bombou tanto em todas as mídias diante dessa quebra de paradigma... O que diria Roberto Carlos sobre esse cara?



Contraponto

Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

IBIRAIARAS E AS MORTES QUE NOS DILACERAM

Difícil não refletir sobre as mortes em Ibiraiaras quando a Brigada Militar agiu contra ladrões de bancos. A coisa se repete como eco e já são 19 mortos em dezembro.

São mortes com o timbre das garras impiedosa dos tigres: elas dilaceram!

Como em tudo, estamos divididos: aplaudindo ou condenando os policiais.

A coisa não é tão simplória: contra e a favor?

O Brasil vive escalada de violência que remete à típica situação de guerra civil: violência que dilacera. O poder bélico da bandagem assombra. Estamos perplexos e confusos é natural.

Em 1980 registramos 13.910 homicídios (11,69 por 100 mil habitantes). Com a redemocratização em 1985 salta para 19.747 (15 por cada 100 mil). A mortandade típica de guerras cresce com FHC e Lula e chega em 2016, com Dilma, em espantosos 62.500 homicídios (30,3 por cada 100 mil).

Por que matamos tanto se tecnicamente estamos desarmados? O brasileiro tem em mãos 10% das armas de um americano e mata cinco vezes mais. Suíços e alemães têm armas até os dentes e os índices de homicídios são de can-dura perto dos nossos.

É inconcebível, ainda, o alto índice de latrocínios, furtos, roubos de cargas, de assaltos de todos os tipos, contrabando, violência contra a mulher, de casos de pedofilia.

Por que nos tornamos tão violentos?

O que fazem os governantes, na democracia, para nos dar mais segurança?

Os governantes foram negligentes na questão desta insegurança que dilacera.

Por incompetência que dilacera, postura ideológica (esqueça da segurança, as massas tomam fácil o poder?), idealismo infantil, baboseira varonil nossos presidentes tornaram o Brasil um dos países mais inseguros do Planeta. Esqueceram que segurança é tão vital quanto saúde e educação para se viver numa sociedade civilizada!

Como a violência se disseminou desse modo? Pergunte a Sarney, Collor, FHC, Lula, Dilma, Temer! Qual a responsabilidade de cada um nessa incomoda realidade?

Para escapar do "contra ou a favor" começo lembrando José Ortega y Gasset: "o homem é o homem e suas circunstâncias. Não é possível considerar o ser humano como sujeito ativo sem começar pelo próprio corpo e chegar ao contexto histórico em que se insere". E para aprofundar va-

mos à Thomas Hobbes: "O homem é o lobo do homem." Quanto à complexa questão dessas e outras ações policiais apelo aos "Princípios básicos sobre o uso da força e armas de fogo pelos funcionários responsáveis pela aplicação da lei" adotados por consenso em 7 de setembro 1990 no Oitavo Congresso das Nações Unidas sobre a Prevenção do Crime e o Tratamento dos Delinquentes. Para iniciar a conversa desses princípios ex-traito um considerando: "qualquer ameaça à vida e a segurança dos funcionários responsáveis pela aplicação da lei deve ser encarada como uma ameaça à estabilidade da sociedade em geral".

Quanto a opinião individual cito: em 1975, quando Passo Fundo era a "Chicago dos Pampas" o cara surte das trevas na esquina do Conceição e toca o "44" no peito do passante e grita: "é um assalto". Quando o assaltante, dias depois, morre em confronto policial, o assaltado fica feliz. Integrante da Ação Católica ele me contou que no sábado decidiu confessar o pecado dessa felicidade. Não tenho o que opinar!

Encerrando: conforme ensinou, no fim dos anos de 1960, quem nos treinava para o tudo ou nada "segurança é conceito relativo". Quer por falha humana, quer porque no outro lado tem mais inteligência e/ou tecnologia. Basta de lengalenga, é hora de dar à segurança a atenção exigida para quem quer viver numa sociedade civilizada.